

0 I milénio a.n.e. no concelho de Monforte: subsídio para o inventário do património arqueológico

RUI BOAVENTURA*
RUI MATALOTO**

*Cartografar é, em Arqueologia, uma actividade
honestas como qualquer outra quando o é,
mas com sequências diversificadas*

V. Gonçalves, prefácio, Carta arqueológica
do Redondo, 2001, p. 7.

R E S U M O

Este trabalho procura sistematizar os dados arqueológicos referentes ao I milénio a.n.e. no actual território do concelho de Monforte, bem como o seu enquadramento regional.

A B S T R A C T

This work aims to systematize archaeological data concerning the 1st millennium BCE in nowadays territory of the Municipality of Monforte, Alentejo, as well as its regional context.

1. Introito acerca do porquê, quando, como e onde

O estudo das ocupações pré-históricas dos IV e III milénios a.n.e. do actual território do concelho de Monforte, no âmbito de um processo de investigação iniciado no século passado (Lopes & Boaventura, 1997; Boaventura, 2000a, 2000b, 2001, 2006, 2008), implicou a inventariação e sistematização da informação disponível, bem como de algumas campanhas de prospecção, o que proporcionou um conjunto de novos dados para a região, nomeadamente acerca da historiografia associada. Contudo, além das informações directamente relacionadas com a Pré-História, foram registadas outras de períodos distintos, que se tem procurado dar a conhecer (Mataloto, 2002; Boaventura & Banha, 2006; Boaventura & Langley, 2006; Langley, 2006). Portanto, é nesse contexto que se deve entender a aquisição dos dados referentes ao I milénio aqui discutidos.

Os mais antigos dados conhecidos e relacionados com a investigação arqueológica no território do Concelho de Monforte podem ser atribuídos a Carlos Ribeiro e Nery Delgado. Estes geólogos/arqueólogos, no âmbito do levantamento oitocentista da Carta geológica e corográfica de

Portugal, apontaram as coordenadas de uma série de monumentos megalíticos (antas) que, curiosamente, passaram despercebidos a investigadores posteriores — talvez porque esta informação se quedou em apontamentos de campo — só vendo a luz do dia apenas em finais dos anos 70 pela mão de C. Neto (1976–1977, pp. 99–107).

Ainda relacionado com as antas do território monfortense, os trabalhos de Luiz Wittnich Carrisso e António Sardinha, incentivados por Santos Rocha em 1909 (Boaventura, 2008) recuperaram espólio proto-histórico, sem que, até o momento, tal tivesse sido anotado.

Assim, notícias concretas acerca da presença proto-histórica neste território surgem apenas com J. L. Vasconcellos (1929, p. 183), referindo o achado na Fonte da Moura, no sopé da Cabeça de Vaiamonte, de um capacete actualmente designado por *tipo Montefortino*. De facto, só décadas mais tarde M. Heleno voltará àquele cabeço, aparentemente aproveitando, pelo menos inicialmente, a logística implicada nos trabalhos de escavação no sítio de Torre de Palma, quando, por diversos motivos, não era possível prosseguir ali a intervenção (Fabião, 1996, 1998; Boaventura, 2001; Langley & alii, 2007). Certo é que entre 1952 e 1964 se desenvolveram sucessivas campanhas de escavação, cujos resultados começaram a ser convenientemente divulgados apenas no final do século passado (Fabião, 1996, 1998), apesar de extensa lista de trabalhos muito parcelares publicados anteriormente (bibliografia coligida nas publicações citadas e brevemente referida abaixo).

No caso de Torre de Palma, as dúvidas existentes relativamente à mistura de materiais com outros da Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 1998, p. 172), da fíbula tipo Acebuchal, entretanto publicada (Ponte, 2006, p. 427, 1987) a par da de dupla mola, apenas nos últimos anos tiveram oportunidade de ser esclarecidas razoavelmente, dando-se a conhecer uma relevante necrópole e ocupação sidérica na área da posterior *villa* romana (Langley & alii, 2007; Mataloto, Langley & Boaventura, 2008).

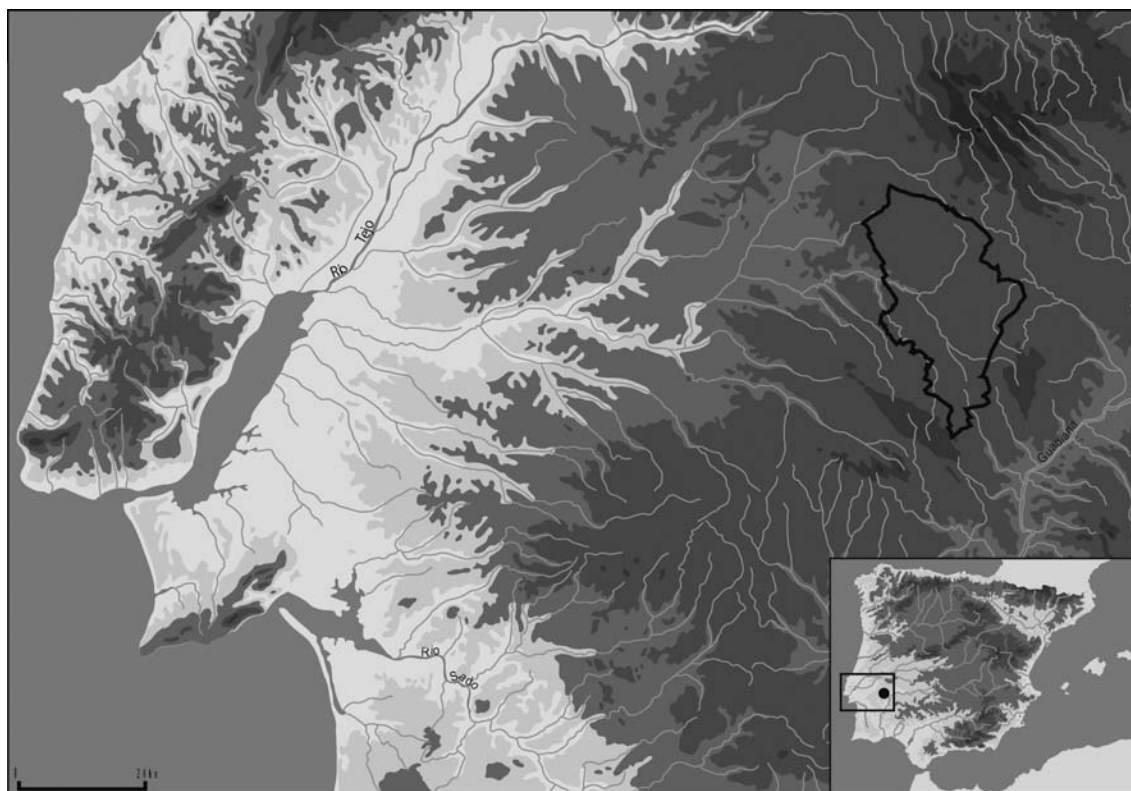


Fig. 1 O concelho de Monforte na Península Ibérica e na região do Alentejo.

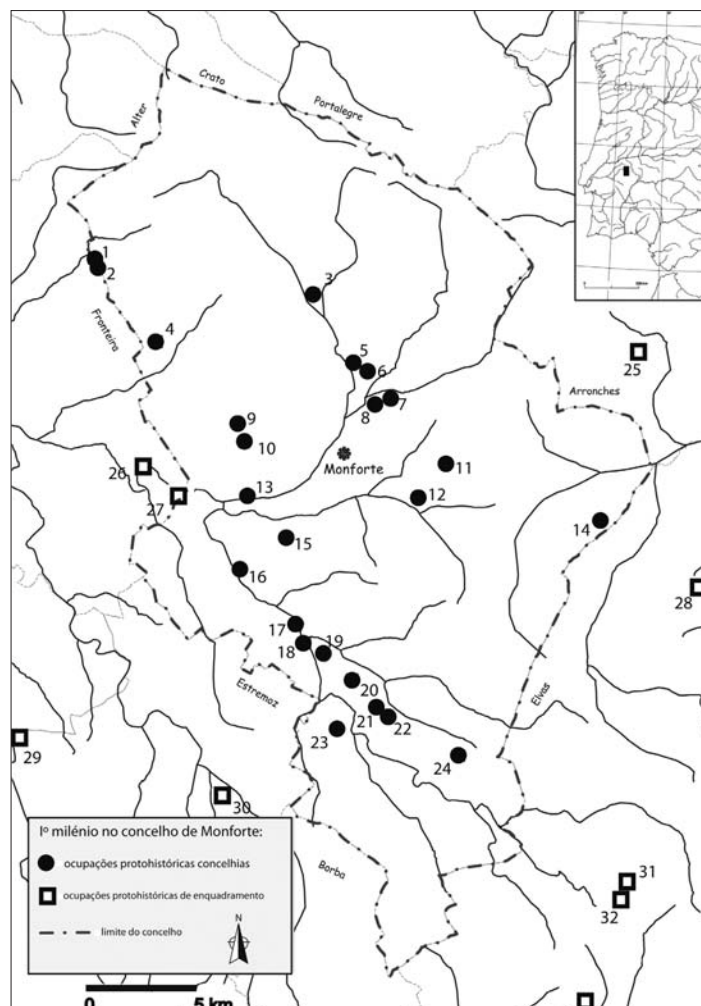


Fig. 2 Sítios com ocupações proto-históricas no concelho de Monforte e áreas circundantes.

1 - Castelo do Mau Vizinho 4; 2 - Castelo do Mau Vizinho 1 e 2; 3 - Vaqueiro; 4 - Cabeça de Vaiamonte; 5 - Geodésico de Besteiros 1; 6 - Rabuje 5; 7 - Santeiro 1; 8 - Santeiro 2; 9 - Torre de Palma; 10 - Fonte de São Domingos 2; 11 - Cabeço do Raio; 12 - Atalaia 2; 13 - Fraga dos Sete Matos; 14 - Malhada da Safra; 15 - Vale de Romeiras 1 e 4; 16 - Outeiro da Mina; 17 - Pedras do Almuro; 18 - Vale do Guardéz 1; 19 - Galega 1 e 2; 20 - Pedras da Careira; 21 - Outeiro 2; 22 - Outeiro 1; 23 - Peral 3; 24 - Penedo do Ferro; 25 - Baldio; 26 - Beçudos; 27 - Serrinha 2; 28 - Castelão; 29 - Mariano; 30 - Castelo Velho de Veiros; 31 - Necrópole da Chaminé; 32 - Atalaião; 33 - Monte da Nora.

Outros vestígios claramente atribuídos a período “pré-romano” que, como se verá adiante, corresponderiam certamente a material proto-histórico, foram mencionados por A. Viana e A. D. Deus (1952, 1955–1957, 1957) na área sul do concelho. Aliás, certamente que estes autores teriam conhecimento de sítios como Pedras da Careira. Contudo, as relações tensas entre aqueles e M. Heleno, que procedia a intervenções em Torre de Palma e nas suas áreas circundantes, terão limitado aos primeiros o seu raio de acção setentrional, proporcionando um certo *no man’s land* (Boaventura, 2001).

Entretanto, a região de Monforte voltou a estar no centro da investigação proto-histórica do Sul de Portugal durante os finais da década de 70 e inícios da seguinte do século XX, com os trabalhos de T. Gamito (1982, 1988), que tomou a região entre o povoado de Segóvia, em Elvas, e a Cabeça de Vaiamonte como o seu “*case study*”, principalmente do ponto de vista da arqueologia espacial e do território. Todavia, a limitação dos dados obtidos pelos trabalhos de campo, a parca caracterização dos sítios identificados e a escassa publicação de dados cronologicamente relevantes, conferem a este trabalho pouca utilidade na compreensão das dinâmicas de povoamento da região de Monforte.

Pela breve exposição acima, é possível verificar que, apesar de uma longa tradição de investigação na área¹, em diversos momentos, muito ficou ainda por estudar e dar a conhecer, bem como mais ainda há a fazer para o efectivo conhecimento das ocupações do I milénio a.n.e. no actual território de Monforte, de que este trabalho pretende ser apenas um breve subsídio integrador de âmbito regional.

Apesar de se pretender abordar o território administrativo do concelho, há que ressaltar o facto de a área investigada ao longo do projecto referido se ter cingido essencialmente à bacia hidrográfica superior da Ribeira Grande, tributária do rio Tejo, designada em sentido lato por região de Monforte. Isso significou que a área nascente do concelho, associada à ribeira de Algalé, subsidiária do rio Guadiana, não recebeu uma atenção tão sistemática quanto as restantes. Curiosamente, essa área corresponde ao âmago do complexo intrusivo granítico de Santa Eulália, que se estende pelos concelhos limítrofes de Arronches e Elvas, os quais também se encontram necessitados de melhores trabalhos prospectivos.

2. O I milénio a.n.e. no concelho de Monforte: catálogo

N.º 1 (Carta Militar de Portugal 384)

DESIGNAÇÃO: Castelo do Mau Vizinho 4 (Fig. 2, 1; Fig. 3, 1)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Romana

LOCALIZAÇÃO: Outeiro aplanado designado por Castelo do Mau Vizinho, a noroeste do Monte da Caniceira. Cabeço de Vide, Fronteira/Vaiamonte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: No topo do outeiro avista-se um enorme silhar granítico e algumas cerâmicas de construção (imbrice). Um aparente talude circular (defensivo?), aproveita parcialmente os afloramentos verticais grauváquicos. M. Heleno (1947) refere-se numa listagem a “Castelo de Maria Visinha, Herdade de Paulus (romano)”. Teresa Gamito (1988, p. 154) aponta a presença de um forte romano neste local: “*a Roman fort in its vicinity, which was still named in the area as Monte do Mau Vizinho*”. Esta opinião é secundada por A. Carneiro (2002, 2005, inv. 7). Contudo, perante a evidência arqueológica conhecida, tal interpretação é insuficiente, requerendo dados mais concretos. A maioria da área deste sítio pertence já ao concelho de Fronteira.

[1947] - Listagem de antas e sítios: “Castelo de Maria Visinha, Herdade do Paulus (romano)”

BIBLIOGRAFIA: Endovélico: Código Nacional de Sítio (CNS) 13717; Heleno, 1947, f. 6; Gamito, 1988, p. 154; Carneiro, 2002, 2005.

N.º 2 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Castelo do Mau Vizinho 1 e 2 (Fig. 2, 2; Fig. 3, 2)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Num colina suave, na base sudoeste do cabeço do Castelo do Mau Vizinho e na proximidade a noroeste do Monte da Caniceira. Cabeço de Vide, Fronteira/Vaiamonte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Castelo do Mau Vizinho 2 corresponde a uma mancha de vestígios com cerca de 25 m² com cerâmica manual amorfa, cujo limite nascente se prolonga para o território do concelho de Monforte. A cerca de 30–50 m para poente, localizou-se uma concentração de materiais atribuíveis à Época Romana (*sigillata*, peso de tear, ânfora e material de construção), designada por Castelo do Mau Vizinho 1, mas também com provável material sidérico (v. Fig. 25, 6). Assim, é provável que a ocupação de CMV2 se prolongue à área onde posteriormente se instalou a construção romana.

BIBLIOGRAFIA: CNS 13715; Carneiro, 2002, 2005.

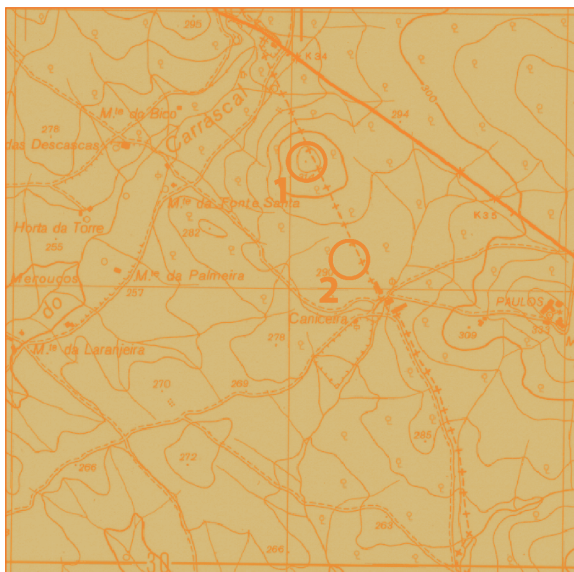


Fig. 3 Castelo do Mau Vizinho 4 (n.º 1) e 1-2 (n.º 2) (CMP 384).

N.º 3 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Vaqueiro (Fig. 2, 3; Fig. 4)

TIPO: Habitat?

CRONOLOGIA: Proto-histórica

LOCALIZAÇÃO: Relevo alongado onde se situa a Malhada do Vaqueiro. Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Cabeço alongado, onde é possível observar a existência de taludes delimitando o topo aplanado (cerca de 100 x 50 m). Apenas se recolheram alguns fragmentos cerâmicos pouco característicos.

BIBLIOGRAFIA: CNS 11918.

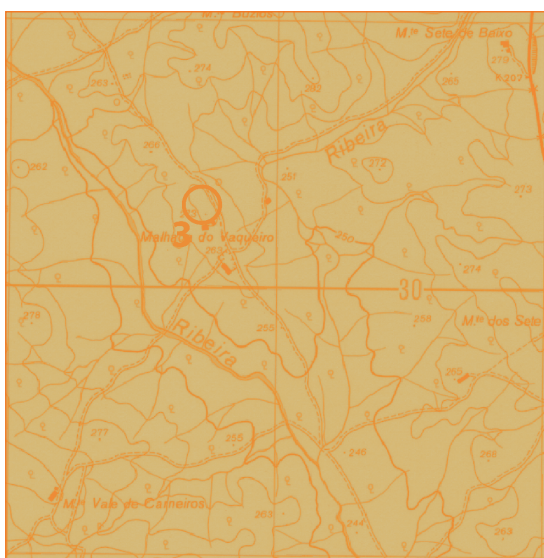


Fig. 4 Vaqueiros (n.º 3) (CMP 384).

N.º 4 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Cabeça de Vaiamonte (Fig. 2, 4; Fig. 5)

TIPO: Povoado

CRONOLOGIA: Calcolítico, Bronze Final, Idade do Ferro, Romano e Medieval Islâmico.

LOCALIZAÇÃO: A ocupação implanta-se sobre um cabeço destacado, no extremo sul de uma linha de relevos acentuados (serra da Gata ou dos Cabelos), sobre a planície envolvente, com vertentes relativamente íngremes. Cabeça de Vaiamonte, Vaiamonte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: O mesmo que Cabeço de Vaiamonte, serra da Gata ou serra dos Cabelos. Este sítio é principalmente conhecido pelas suas ocupações sidérica e romano-republicana, ainda que apresente outras ocupações durante o Período Romano Imperial e possivelmente Medieval Islâmico. Carlos Fabião (1996, 1998) clarificou um pouco mais a afirmação de Heleno para uma ocupação antiga, colocando-a no Calcolítico, situação reforçada pelo estudo dos materiais correspondentes (Boaventura, 2001).

A densidade de vegetação e a grande compartimentação do terreno com muros de divisão de propriedade dificultam a leitura das ocupações antigas, sendo inclusivamente complexo delimitar com exactidão a extensão do local, apesar das propostas avançadas por T. Gamito (1988), nomeadamente de 8 ha. A presença de uma cintura muralhada, ainda que plausível, não é clara nem linear.

Nas Memórias Paroquiais de Vaiamonte mencionava-se acerca deste cabeço:

“Junto a esta aldeya pera a parte do poente esta o oteyro a cabeço da serra de Vaiamonte do qual aquella tomou o nome // Neste outeiro estava o castello e villa de Vaiamonte donde os mouros fizeram brava guerra aos christãos que fundavam o castello e villa d’Avis e muyto maior rezistencia quando foram expulsados desta comarca // Actualmente se conhece fortaleza para a parte do poente sua muralha e baluartes feitos com pedra solta e parede de dezasseis palmos de largura // Tem de altura pera a parte do nascente este outeiro de Vaiamonte quinhentas varas // Pera a parte do poente mil sento e oitenta e duas // Pera a parte do norte oitocentos e quatro // Pera a parte do sul oitocentos e noventa e duas // Fora do circuito tres quartos de largo // Tudo este outeiro se cultivava a se semeava por mesmo vinte moyos de trigo e senteyo // Está todo povoado com excelentes olivais que quanto pagam em fruto sam muito bastantes para os moradores da dita aldeya e seos destritos // Pera a parte do nascente em altura de quattocentas esta hum cova ou fosso com agoa que se concerva tanto de veram como de inverno. E dizem ser de grande mas ao prezente esta muito entupido por quanto no mesmo se afogavam muitos gados em que se recolhia grande dano.”

A sequência de ocupações durante o I milénio a.n.e. na Cabeça de Vaiamonte não é linear, nem de fácil entendimento, apesar dos avultados trabalhos que aí se desenvolveram durante as décadas de 50 e 60. Efectivamente, num balanço recente, C. Fabião (1996) documenta uma ocupação do final da Idade do Bronze, bem caracterizada, a que se segue, aparentemente sem interrupção, uma primeira ocupação sidérica antiga, muito mal documentada. Na realidade, a ocupação mais extensamente documentada corresponde à segunda metade do I milénio a.n.e., com evidentes sinais de contacto com o mundo romano a partir de meados do século II a.n.e., sendo bastante provável que se tenha desenvolvido um episódio de abandono do local durante, ou após, as guerras sertorianas, voltando a ser ocupado já na Época Imperial.

É bastante extensa e diversa a riqueza dos conjuntos artefactuais recolhidos no local, desde a cerâmica, local e de importação, com imitação de produtos importados, caso das campanien-

ses, onde se recolheu um amplo conjunto, a par de produtos metálicos (fibulas, baixela, elementos de arreio, armas, utensílios, moedas *etc.*) e vítreos, em grande medida já estudados e publicados.

BIBLIOGRAFIA: CNS 1656 (e 2902); Soares, Curvo & Lima, 1758; Alarcão, 1988, pp. 150-151; Arnaud & Gamito, 1974-1977, pp. 165-202; Delgado, 1971, pp. 403-420; Ferreira, 1971, pp. 317-319; Ponte, 1985, pp. 137-158; Saa, 1956, p. 187; Santos, 1973, pp. 187-201; Santos, 1972, pp. 493-511; Heleno, 1956, p. 314; Vasconcellos, 1929, pp. 183-184; Cunha, 1985; Machado, 1965, p. 117.

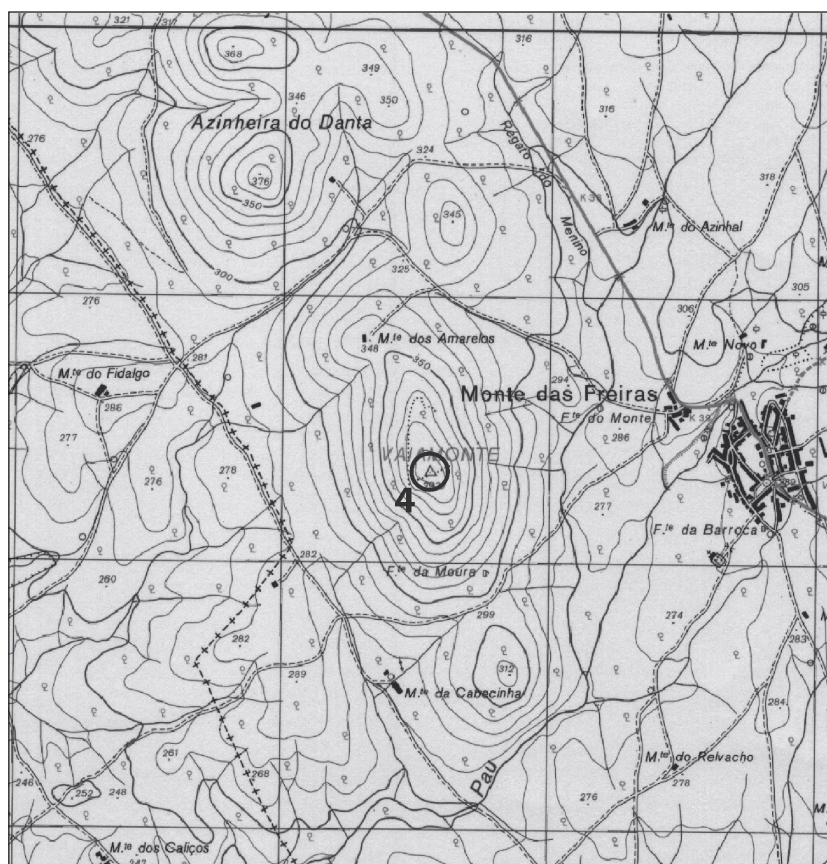


Fig. 5 Cabeça de Vaia Monte (n.º 4) (CMP 384).

N.º 5 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Geodésico de Besteiros 1 (Fig. 2, 5; Fig. 5, 5)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Proto-histórica

LOCALIZAÇÃO: Patamar na encosta sudeste do cabeço do Geodésico de Besteiros; Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Mancha de dispersão com cerca de 20 x 30 com *tegulae*, imbrices, cerâmica comum e sigillatas. No morouço ali localizado avistaram-se vários silhares graníticos e uma mó de sela. No extremo da mancha, para norte, há um grande peso de lagar, em granito. O sítio parece estar associado a grande um curral circular situado a sudoeste.

BIBLIOGRAFIA: CNS 11925.

N.º 6

(CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Rabuje 5 (Fig. 2, 6; Fig. 6, 6)

TIPO: Anta

CRONOLOGIA: Bronze Final/Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Na cumeada de relevo suave. Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Pequena anta de xisto, de um cluster de 7 antas, situada a cerca de 1 km para sul-sudeste do sítio de Geodésico de Besteiros 1, no qual foi recolhido um pequeno fragmento de elemento de xorca de bronze e um botão de bronze. A primeira peça é enquadrável no Bronze Final ou Idade do Ferro e a segunda na Época Romana ou posterior. Além destes elementos, recolheram-se ainda vários fragmentos amorfos de cerâmicas de cronologia aparentemente sidérica.

BIBLIOGRAFIA: CNS 11706; Boaventura, 2000, 2001, 2006.

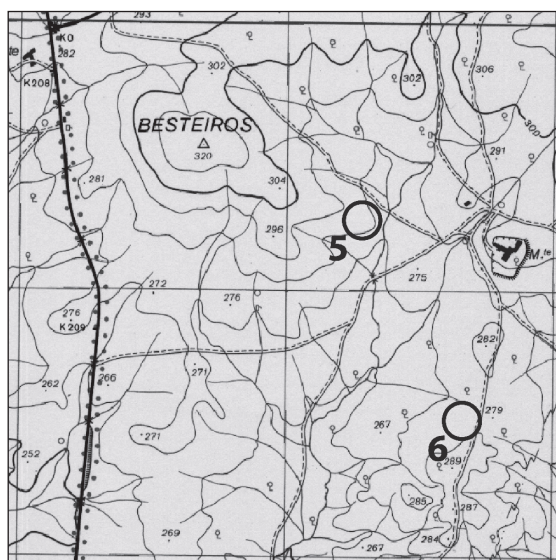


Fig. 6 Geodésico de Besteiros 1 (n.º 5) e Rabuje 5 (n.º 6) (CMP 384).

N.º 7 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Santeiro 1(Fig. 2, 7; Fig. 7, 7)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Encosta suave virada para a ribeira de Assumar, a cerca de 500 m para norte do Monte de Santeiro. Monforte, Monforte.

DESCRIÇÕES: Numa mancha de 20 x 20 m com *imbrices*, recolheu-se um fragmento de uma mó girante e um bordo cerâmico exvertido provavelmente resultante de uma ocupação sidérica (v. Fig. 25, 5).

BIBLIOGRAFIA: CNS 11927.

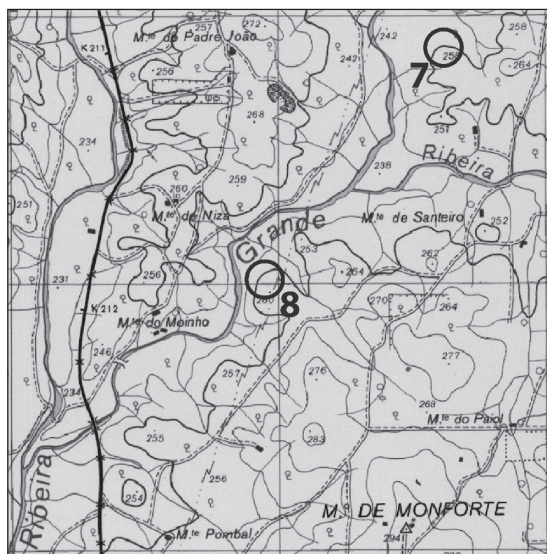
N.º 8 (CMP 384)**DESIGNAÇÃO:** Santeiro 2 (Fig. 2, 8; Fig. 7, 8)**TIPO:** Habitat**CRONOLOGIA:** Proto-histórico**LOCALIZAÇÃO:** Outeiro em esporão destacado, sobranceiro à Ribeira Grande, no troço imediato à confluência das ribeiras de Assumar e Coutada. Monforte, Monforte.**OBSERVAÇÕES:** No topo do outeiro, recolheu-se uma mó de sela, percutores e lascas de quartzo.**BIBLIOGRAFIA:** CNS 11919.

Fig. 7 Santeiro 1 (n.º 7) e 2 (n.º 8) (CMP 384).

N.º 9 (CMP 384)**DESIGNAÇÃO:** Torre de Palma (Fig. 2, 9; Fig. 8, 9)**TIPO:** Habitat e necrópole**CRONOLOGIA:** Idade do Ferro**LOCALIZAÇÃO:** A ocupação implanta-se na extremidade sul de extenso patamar, a sul do Monte de Torre de Palma, junto de uma pequena linha de água. Vaiamonte, Monforte.**OBSERVAÇÕES:** A área de ocupação situa-se, aparentemente, sob o designado complexo C ou do “Mosteiro”, a nascente do conjunto da basílica, implantando-se a necrópole no mesmo local que o designado “cemitério ao pé das ermidas”. A presença de alguns fragmentos cerâmicos de aparente cronologia sidérica provenientes da *pars urbana* da *villa* poderá indiciar a existência nesta área de outro pequeno núcleo de ocupação.

O conjunto artefactual deve ser lido em dois conjuntos distintos, o proveniente aparentemente de uma área de ocupação residencial, e o proveniente da necrópole. O conjunto da área residencial, documentado na área do designado “mosteiro”, corresponde a uma ocupação cronologicamente semelhante ao conjunto de materiais da necrópole, com a presença de cerâmica cinzenta fina polida e um possível *pithos* com o bordo pintado; aparentemente proveniente da *pars urbana* da *villa*, e eventualmente integrável num segundo momento de ocupação pode-se mencionar um pequeno fragmento cerâmico com decoração por matrizes estampilhadas, com um motivo circular radiado.

A necrópole de Torre de Palma parece desenvolver-se entre finais do século VII e o século V a.n.e., apresentando o rito de incineração, com a deposição em urna ou em covacho simples. A escavação da necrópole, talvez nos inícios dos anos 60, por João Lino da Silva, não foi acompanhada de um registo preciso das associações, o que nos impede de ter a noção exacta do número de sepulturas, mas que provavelmente poderiam ser mais de uma dezena. O espólio recolhido surge-nos relativamente rico, documentando-se a existência de urnas de perfil em “S”, taças e tigelas de cerâmica cinzenta fina, pequenos potes e unguentários; para além destes documentou-se um importante espólio metálico com fechos de cinturão de tipo “tartéssico” de três garfos, de tipo dito “céltico” (DIII3/DIII5 de Cerdeño; B3B3/B4B6 de Lorrio; B6 de Carratiermes), fíbulas (dupla mola, acebuchal, anular hispânica, entre outras possíveis) e braceletes “acoronados” (Fig. 21 e 22).

BIBLIOGRAFIA: CNS 331; Langley & *alii*, 2007; Mataloto, Langley & Boaventura, 2008.

N.º 10 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Fonte de São Domingos 2 (Fig. 2, 10; Fig. 8, 10)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Proto-histórica

LOCALIZAÇÃO: Ponto cotado de 288 m, a cerca de 500 m a sul-sudeste da *pars urbana* da *uilla* de Torre de Palma e a sudeste da Fonte de São Domingos. Vaiamonte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Dispersão de material de construção romano (ímbrices, telhas) e cerâmica comum. No morouço ali existente avistou-se uma mó de sela. A base Endovélico atribuiu dois CNS ao mesmo sítio.

BIBLIOGRAFIA: CNS 14942 e 23947.

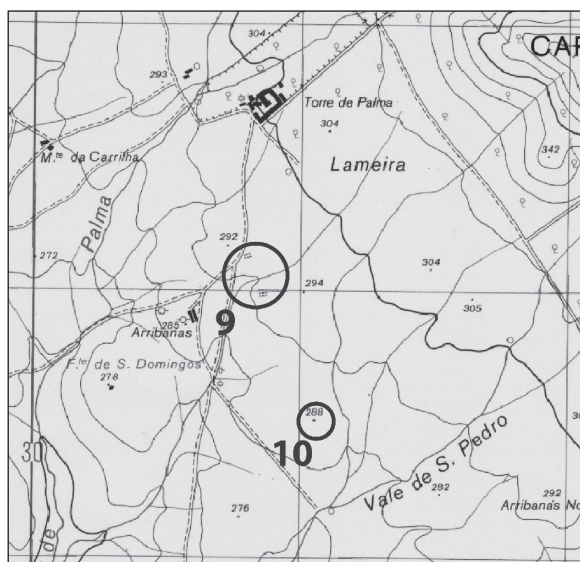


Fig. 8 Torre de Palma (n.º 9) e Fonte de São Domingos 2 (n.º 10) (CMP 384).

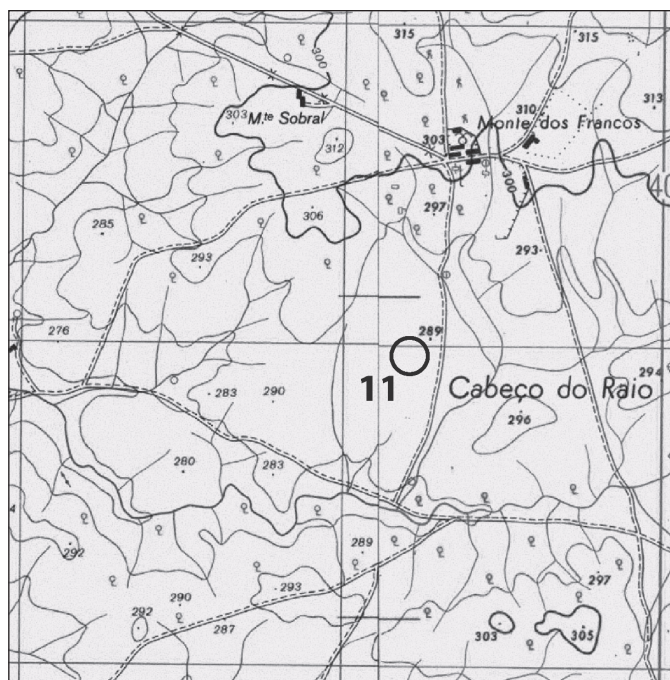
N.º 11 (CMP 385)**DESIGNAÇÃO:** Cabeço do Raio (Fig. 2, 11; Fig. 9, 11)**TIPO:** Habitat**CRONOLOGIA:** Idade do Ferro**LOCALIZAÇÃO:** Numa chã a sudoeste do Monte dos Francos, Monforte, Monforte.**OBSERVAÇÕES:** Mancha de de vestígios com cerca de 100 m² com mós dormentes, algumas de sela, percutores e cerâmica pouco característica. No morouço anexo também se avistou uma mó dormente de sela.**BIBLIOGRAFIA:** CNS 23890.

Fig. 9 Cabeço do Raio (n.º 11) (CMP 385).

N.º 12 (CMP 398)**DESIGNAÇÃO:** Atalaia 2**TIPO:** Habitat?**CRONOLOGIA:** Ferro-Romana?**LOCALIZAÇÃO:** Cabeço cotado de 289 m, a noroeste do Monte da Atalaia. Monforte, Monforte.**OBSERVAÇÕES:** Sítio apontado por A. Cunha (1985, n.º 48) referindo no “*Monte da Atalaia - no ponto mais alto, vestígios de construções*”. A prospecção do terreno não evidenciou qualquer vestígio. Contudo, em 2005, nas Jornadas do Norte Alentejano, em Fronteira, P. Morgado e A. Carneiro referiram-se ao sítio como um exemplo de ocupação na transição da Idade do Ferro para a Época Romana, sem apresentação de novas evidências (Boaventura, 2006).**BIBLIOGRAFIA:** CNS 23860; Cunha, 1985, n.º 48; Boaventura, 2006.

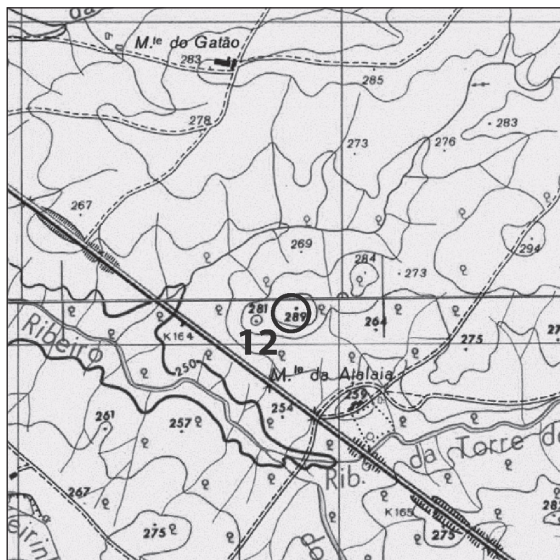


Fig. 10 Atalaia 2 (n.º 12) (CMP 385).

N.º 13 (CMP 384)

DESIGNAÇÃO: Fraga dos Sete Matos (Fig. 2, 13; Fig. 11, 13)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Proto-histórica/Medieval-Moderna

LOCALIZAÇÃO: Cabeço de Fraga dos Sete Matos, Vaiamonte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: T. Gamito (1988, p. 154) atribuiu este sítio à Idade do Ferro, sob a designação de Sete Fráguas. No topo do cabeço, entre muitos bolões graníticos, detecta-se uma possível ocupação medieval (estruturas de pedra seca e cerâmicas comuns e de construção numa área de 20 x 20 m). Num patamar abaixo, com cerca de 40 x 30 m, virado a sul, avistaram-se cerâmicas com características aparentemente proto-históricas.

BIBLIOGRAFIA: CNS 24166; Gamito, 1988, p. 154.

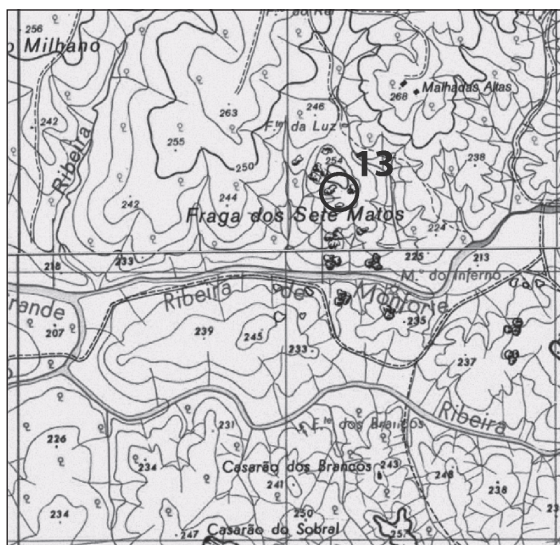


Fig. 11 Fraga dos Sete Matos (n.º 13) (CMP 384).

N.º 14 (CMP 385)**DESIGNAÇÃO:** Malhada da Safra (Fig. 2, 14; Fig. 12, 14)**TIPO:** Habitat?**CRONOLOGIA:** Idade do Ferro?**LOCALIZAÇÃO:** Monforte?, Monforte?.

OBSERVAÇÕES: T. Gamito (1988, p. 295) aponta uma ocupação sidérica sob a designação de Malhada da Safra. As duas referências geográficas para este sítio são contraditórias. No mapa geral da página 278, o sítio é apontado dentro dos limites do concelho de Monforte (n.º 16). Contudo, no mapa de pormenor da p. 295, indicando um marco geodésico, este é situado no concelho de Elvas, a 2 km para nascente da primeira localização, o que coincide, de facto, com o marco geodésico de Malhada da Safra. A prospecção da área em redor deste não revelou quaisquer vestígios sidéricos.

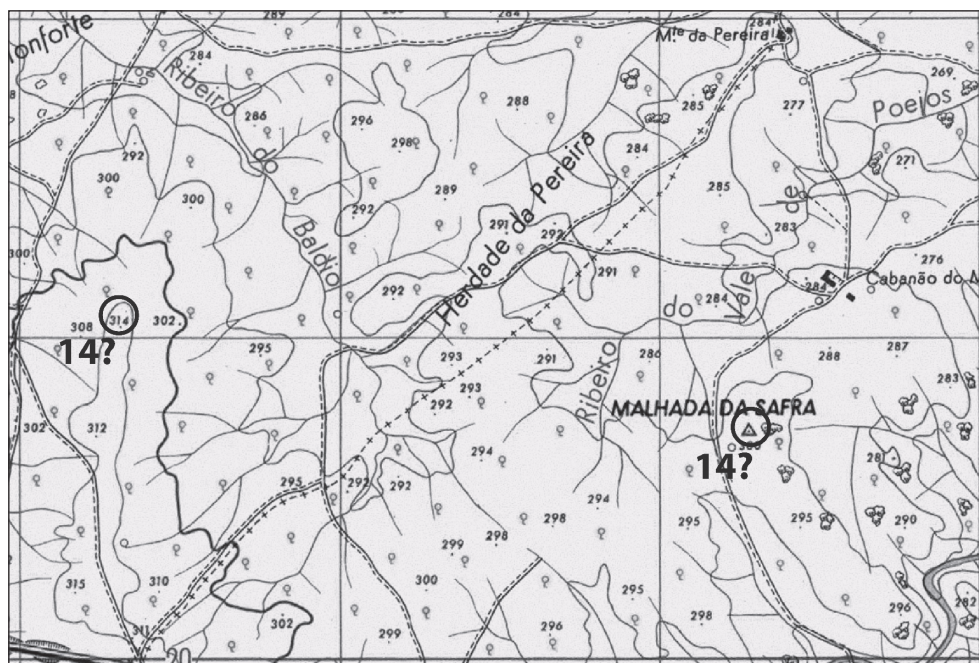
BIBLIOGRAFIA: Gamito, 1988.

Fig. 12 Localizações possíveis do sítio de Malhada da Safra (n.º 14) (CMP 399).

N.º 15 (CMP 398)**DESIGNAÇÃO:** Vale de Romeiras 1 (Fig. 2, 15; Fig. 13, 15)**TIPO:** anta**CRONOLOGIA:** Proto-histórica**LOCALIZAÇÃO:** No cabeço cotado a 268 m, a oeste-noroeste do Monte de Vale de Romeiras, Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Material proveniente da anta designada por “Monforte n.º 1”, de um conjunto de cinco antas da região de Monforte, cuja escavação foi incentivada por A. Santos Rocha e efectuada Luiz Wittnich Carrisso e António Sardinha no segundo semestre de 1909 (Boaventura, 2008). Na listagem das antas, “Monforte n.º 2” é apontada no Vale de Romeiras. Tendo em conta que se se conheciam/conhecem, pelo menos, duas antas naquela área (Vale de Romei-

ras 1 e 4), é possível que “Monforte n.º 1” correspondesse também a outra das antas de Vale de Romeiras, nomeadamente Vale de Romeiras 1 — esta possibilidade é reforçada pelo facto de durante as prospecções e limpezas na anta e suas imediações terem sido também recolhidos fragmentos cerâmicos com características proto-históricas.

Do conjunto recolhido destaca-se a presença de uma taça de carena alta e superfícies exteriores brunidas que se deve enquadrar no final da Idade do Bronze (Fig. 19, 2 e 4).

BIBLIOGRAFIA: CNS 7558 (Vale de Romeiras 1) e 17229 (Vale de Romeiras 4); Leisner & Leisner, 1959; Boaventura, 2001, 2008.

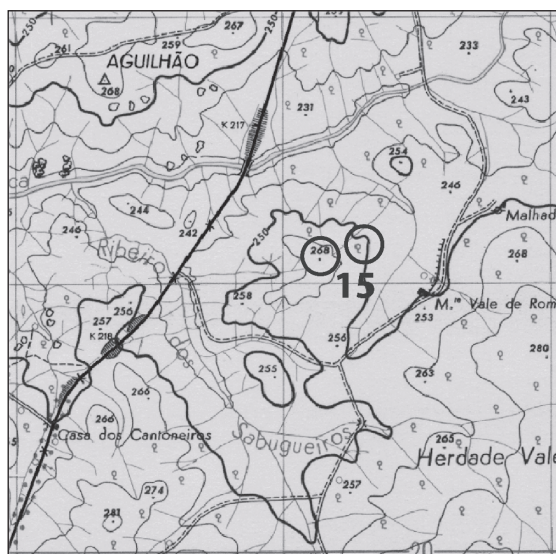


Fig. 13 Vale de Romeiras 1 e 4 (n.º 15) (CMP 384).

N.º 16 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Outeiro da Mina (Fig. 2, 16; Fig. 14, 16)

TIPO: Fortim do tipo recinto-torre

CRONOLOGIA: Romana

LOCALIZAÇÃO: Outeiro da Mina, Malhada do Monte da Janeira, Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: O recinto apresenta uma estrutura construída em blocos do granito local, de muito grande dimensão, por vezes apenas afeiçoados e ligeiramente deslocados, incorporando o afloramento rochoso; apresenta uma planta trapezoidal, com cerca de 55 m de comprimento máximo e 13 m de largura no lado norte e 40 m no lado sul; na extremidade mais próxima da Ribeira, no ponto mais elevado do esporão, é possível observar os vestígios de uma estrutura de planta genericamente quadrangular, com 12 m de lado, que se apoia em grandes afloramentos rochosos.

À superfície, regista-se escassa cerâmica, aparentemente de tradição pré-romana, correspondente a grandes contentores de armazenagem e um grande fragmento de bojo, com arranque de asa, de uma ânfora romana de produção lusitana, com uma marca em cartela, onde se pode ler [SILV(I?)] (Fig. 25, 7).

A nordeste do sítio, a cerca de 100 m, entre os bolões graníticos próximos registam-se materiais similares àqueles recolhidos dentro do recinto de Outeiro da Mina.

BIBLIOGRAFIA: CNS 19657; Mataloto, 2002, Boaventura & Banha, 2006.

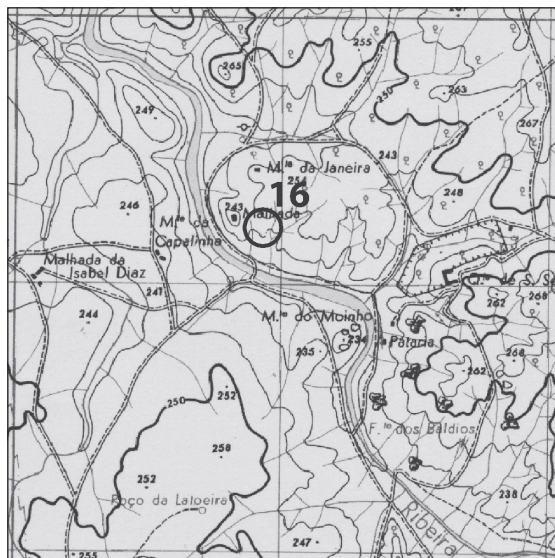


Fig. 14 Outeiro da Mina (n.º 16) (CMP 398).

N.º 17 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Pedras do Almuro (Fig. 2, 17; Fig. 15, 17)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Idade do Ferro/Romano-Republicana

LOCALIZAÇÃO: Grande afloramento de granito rodeado por outros blocos de grandes dimensões, estruturando vários patamares, sobranceiro à ribeira do Almuro. Pedras do Almuro, Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: T. Gamito (1988, p. 154) atribuiu este sítio à Idade do Ferro. Esta autora localizou o povoado de Almuro no esporão cotado de 248 m, mas aí não foi possível avistar qualquer material arqueológico. Contudo, as Pedras do Almuro localizam-se no vale da extremidade noroeste da área indicada.

O conjunto artefactual registado permite remeter a ocupação para um momento avançado da Idade do Ferro, certamente contemporâneo da ocupação romana; registou-se a presença de bordos extrovertidos, asa de ânfora bética e escória de fundição (Fig. 25, 2-4). O mesmo que Almuro.

BIBLIOGRAFIA: CNS 24062; Gamito, 1988, p. 154.

N.º 18 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Vale do Guardéz 1 (Fig. 2, 18; Fig. 15, 18)

TIPO: Povoado fortificado

CRONOLOGIA: Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Implantado num relevo em esporão sobranceiro à ribeira do Almuro. A cerca de 1 km para sudeste de Pedras do Almuro e a 1 km para norte do Monte Vale do Guardéz, Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Povoado com cerca de 2–3 ha, delimitado por potente talude de muralha, aproveitando pontualmente afloramentos graníticos. O conjunto artefactual recolhido, maioritariamente cerâmico, remete para uma ocupação típica da segunda metade do I milénio a.n.e., com abundantes bordos extrovertidos de grande contentores de armazenamento, um deles

com decoração penteada (Fig. 23, 5), bases planas e pé de anel, asas de rolo, ânfora itálica, provavelmente da classe 2-5 - Dressel 1 e mós de sela.

BIBLIOGRAFIA: CNS 11932; Cunha, 1985.

N.º 19 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Galega 1 e 2 (Fig. 2, 19; Fig. 15, 19)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Relevo alongado, defronte do povoado de Vale do Guardez 1, na margem direita da ribeira do Almuro, na área de confluência da ribeira da Samarra, que corre a norte do sítio. A cerca de 1 km para sul-sudeste do Monte D. João, Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: No extremo nor-nordeste do cabeço, logo abaixo do ponto cotado 268 m, recolheram-se alguns fragmentos de material cerâmico manual e a torno, junto ao que parece ser um patamar delimitado por um talude de muralha com blocos graníticos. Este talude dificulta o acesso a um patamar (20 x 20 m) que se situa entre numerosos afloramentos graníticos. Teresa Gamito (1988, p. 154) aponta aqui o sítio da Galega, atribuído à Idade do Ferro. Na restante área do cabeço não se avistou material numa primeira batida, excepto no vale a sul, no ponto cotado 254, denominado Galega 2, com uma dispersão de cerâmicas por cerca de 20 x 20 m, na vertente do cabeço de Galega 1 que faz ligação ao cabeço a sul (denominado Pedras do Montinho). Posteriores visitas permitiram verificar vestígios de ocupação em redor dos afloramentos do topo de Galega, inclusive do lado oeste.

BIBLIOGRAFIA: CNS 10406; Gamito, 1988, p. 154.

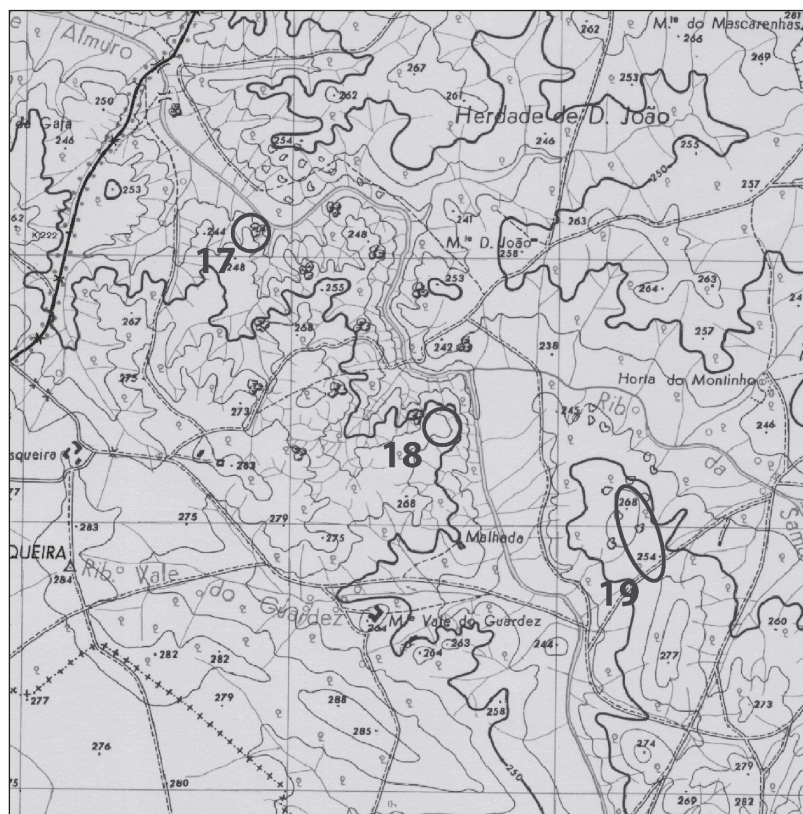


Fig. 15 Pedras do Almuro (n.º 17), Vale Guardez 1 (n.º 18) e Galega 1 e 2 (n.º 19) (CMP 398).

N.º 20 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Pedras da Careira (Fig. 2, 20; Fig. 16, 20)

TIPO: Povoado fortificado

CRONOLOGIA: Bronze final e Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: Implanta-se num cabeço destacado, caracterizado pela presença de grandes afloramentos graníticos; Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: A área do povoado encontra-se delimitada por um talude perimetral, provavelmente associável a uma estrutura de fortificação, com cerca de 6 ha, estruturada por entre grandes afloramentos graníticos. Numa área central mais elevada, em redor do actual marco geodésico, detecta-se uma outra descontinuidade no terreno, eventualmente coincidente com outra linha de fortificação mais interior. Os materiais cerâmicos correspondentes à ocupação do final da Idade do Bronze dispersam-se por toda a área abarcada pela possível fortificação; todavia, a ocupação correspondente a um momento indeterminado, mas aparentemente avançado da Idade do Ferro, parece restringir-se à plataforma superior. Registou-se a presença de grandes recipientes manuais, de bordo ligeiramente exvertido, taças carenadas, uma mó de sela, uma lâmina de bronze (?) e percutores. A ocupação sidérica surge testemunhada por bordos de grandes recipientes de armazenagem, sem colo, e com bordo extrovertido (Fig. 19, 5-6; Fig. 23, 2-4).

Nas Memórias Paroquiais (Soares, Curvo & Lima, 1758) refere-se que na Herdade do Castelo Velho “se descobrirão antigamente ruínas de alguma fortaleza, e hoje se ve pedras breiras lavradas, e se descobrem muitas.”; dele deve ter tido, igualmente, conhecimento de A. Viana e colaboradores (Deus, Louro & Viana, 1955). Em 1970 J. Arnaud refere a recolha de materiais atribuídos ao Bronze Final e Idade do Ferro. Esta caracterização surge um pouco mais especificada por T. Gamito (1988, pp. 154, 158) que salienta a importância do sítio durante o Bronze final, com escassos materiais da Idade do Ferro (Early Iron Age). A. Cunha (1985, n.º 60) aponta, para além dos vestígios mencionados, a existência de abrigos nas rochas. J. Silva (1989) refere com alguma reserva informação oral acerca da existência de sepulturas nas vertentes do cabeço, mas não conseguiu confirmá-las. Também lhe apontaram a descoberta de pesos de tear, machados de pedra polida, cerâmicas e inclusive moedas.

“Castelo Velho” é a designação do monte localizado a norte do sítio, já conhecido no século XVIII. J. Arnaud (1970), num breve relatório de sítios com interesse arqueológico (Proc. N.º 92/1(163) assinalava o “Castelo Velho” de Prazeres, onde em 1969 tinha recolhido materiais atribuíveis ao Bronze Final e Idade do Ferro. A designação de Pedras da Careira provém do monte homónimo localizado a sul do sítio. Erroneamente, a Carta Militar de Portugal, designa o referido monte e por sua vez o geodésico situado dentro da área do povoado por “Carreira”.

BIBLIOGRAFIA: CNS 287 (Castelo Velho dos Prazeres) e 7555 (Pedras da Careira); Arnaud, 1970; Cunha, 1985; Gamito, 1982, pp. 65-67, 1988; Silva, 1989.

N.º 21 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Outeiro 2 (Fig. 2, 21; Fig. 16, 21)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Proto-histórica

LOCALIZAÇÃO: Vertente sudoeste do outeiro cotado 308, a cerca de 500 m para noroeste de Outeiro 1 e a cerca de 600 m para nordeste do Monte do Peral. Monforte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Dispersão de lascas, percutores e cerâmica. Um pouco abaixo na encosta foi detectado um conjunto de cerâmicas manuais e a torno de provável cronologia sidérica.

BIBLIOGRAFIA: CNS 24032.

N.º 22 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Outeiro 1 (Fig. 2, 22; Fig. 16, 22)

TIPO: Habitat

CRONOLOGIA: Neolítico/Calcolítico/Idade do Ferro

LOCALIZAÇÃO: A noroeste do Monte do Outeiro, localiza-se um cabeço formado por grandes afloramentos graníticos, na envolvente dos quais se recolheram materiais pré-históricos e da Idade do Ferro; Santo Aleixo, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Na encosta norte, regista-se um forte escorrimento de materiais pré-históricos. Os materiais da Idade do Ferro avistam-se na plataforma principal com cerca de 10 x 20 m rodeada por afloramentos, registando no lado nordeste duas linhas de muros paralelos, uma com cerca de 6 m com grandes blocos de granito encostados aos afloramentos e a outra com cerca de 3 m com blocos graníticos menores. A leste, num cabeço mais baixo, também se registam materiais pré-históricos.

BIBLIOGRAFIA: CNS 24027.

N.º 23 (CMP 398)

DESIGNAÇÃO: Peral 3 (Fig. 2, 23; Fig. 16, 23)

TIPO: Anta

CRONOLOGIA: Neolítica e Idade do Ferro.

LOCALIZAÇÃO: Num relevo aplanado (cota de 270 m) sobranceiro à ribeira de Almuro, na sua margem esquerda, a cerca de 500 m para sudoeste do Monte do Peral. Vaia Monte, Monforte.

OBSERVAÇÕES: Segundo A. Viana & A. D. Deus (1952) terá sido um monumento grande e relativamente bem conservado, entretanto explorado por estes autores depois de 1951 (Viana & Deus, 1955–1957). Essa intervenção não teve grandes resultados, recolhendo-se apenas contas discóides no monumento, e fragmentos de placas de xisto em redor, no exterior. Refere-se ainda a existência a cerca de 2 m a sul da anta de várias sepulturas de incineração, formadas com lajes, atribuídas a época pré-romana (Viana & Deus, 1957). Até hoje não foi possível localizar os elementos referidos, que seriam provavelmente de cronologia sidérica.

Anta hoje destruída, de que apenas se avistou um dos esteios de granito, entretanto arrastado (Setembro de 1997) do local assinalado da sua implantação por António Abrantes, então maquinista da Cooperativa que explorava aquela parcela.

BIBLIOGRAFIA: CNS 11907; Viana & Deus, 1952, 1955–1957, 1957.

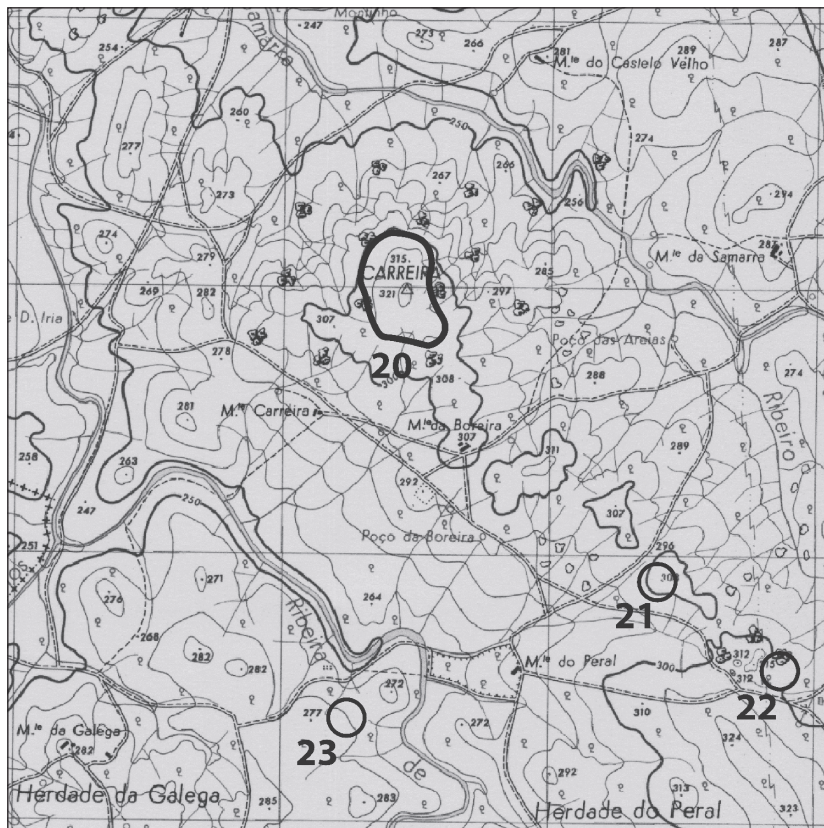


Fig. 16 Pedras da Careira (n.º 20), Outeiro 2 (21), Outeiro 1 (22) e Peral 3 (n.º 23) (CMP 398).

N.º 24 (CMP 413)

DESIGNAÇÃO: Penedo do Ferro (Fig. 2, 23; Fig. 17, 24)

TIPO: Fortim

CRONOLOGIA: Neolítico Final/Calcolítico/Idade do Ferro/Romano

LOCALIZAÇÃO: Implanta-se sobre suave elevação, junto ao geodésico do Penedo de Ferro, Santo Aleixo, Monforte.

DESCRIÇÃO: Ampla plataforma sub-retangular, com 72 x 40 m, estruturada por potentes muros, entre grandes afloramentos graníticos, com alguma visibilidade na envolvente; no ponto mais elevado do local, junto à extremidade oeste, regista-se a presença de um micro-relevo aparentemente resultante do derrube de uma grande estrutura, eventualmente uma torre. À superfície, registou-se a presença de cerâmica de roda, nomeadamente bordos extrovertidos, ânfora da classe 15 – Haltern 70 (Fig. 26, 1), para além de evidências de uma ocupação pré-histórica.

BIBLIOGRAFIA: CNS 19648; Mataloto, 2002, Boaventura & Banha, 2006.

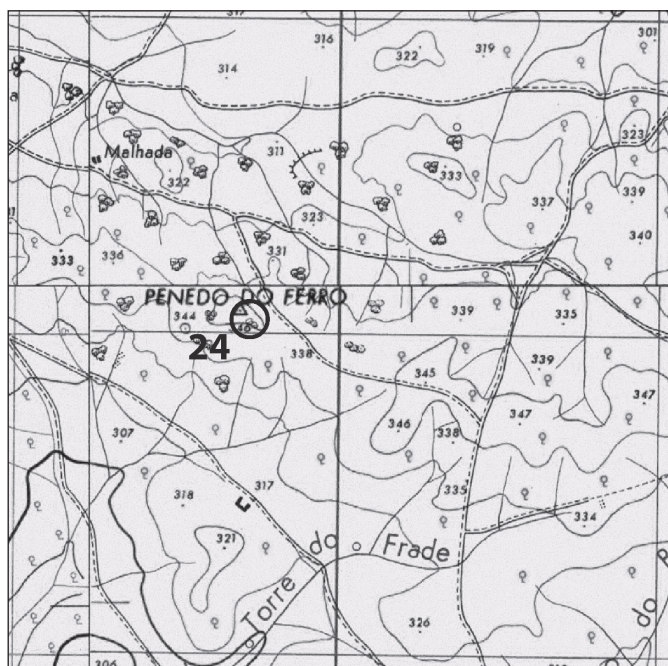


Fig. 17 Penedo do Ferro (n.º 24) (CMP 413).

3. Enquadramento das dinâmicas de povoamento regional no I milénio a.n.e.

Apesar do trabalho de campo desenvolvido por um de nós (R.B.) ter permitido alargar a imagem disponível à data, deixa ainda um cenário claramente deficitário, com amplas áreas a necessitarem de trabalhos mais alargados de pesquisa, em particular nas cumeadas do sistema tributário da Ribeira Grande, o grande vertebrador deste território, mas também da bacia da ribeira de Algalé.

Os estudos na envolvente do concelho são igualmente escassos, não alterando substancialmente a visão disponível há mais de duas décadas, se exceptuarmos a identificação e publicação do sítio do Monte da Nora (Teichner, 2009), e do balanço feito sobre os dados de necrópoles como a Chaminé (Fabião, 1998, p. 369). Para além dos vários sítios publicados por T. Gamito (1988) na envolvente imediata do Concelho de Monforte, e escassamente caracterizados, merece destaque o Castelo Velho de Veiros (Arnaud, 1970), que parece ter constituído um importante pólo regional durante o período tardo-republicano, atendendo às presenças metálicas detectadas (Fabião, 1998).

O início do I milénio a.n.e. no concelho de Monforte encontra-se particularmente mal caracterizado, sendo os dados disponíveis escassos e, maioritariamente, resultantes de escavações antigas, das quais não dispomos de informações contextuais. Vaiamonte assume, desde logo, um lugar de destaque, ao constituir o único povoado ocupado neste período onde se efectuaram escavações. Segundo os dados disponíveis (Fabião, 1998, p. 175), foram documentados aqui claros vestígios que apontam para a sua ocupação num momento avançado da Idade do Bronze, o que não obsta a que o tenha sido anteriormente. A presença de cerâmica decorada com retícula brunida, um punhal tipo Porto de Mós, elementos de foice denticulados e em particular as fíbulas de dupla mola, deixam margem para supor a ocupação humana da Cabeça de Vaiamonte nos séculos iniciais do I milénio a.n.e.

Atendendo à cronologia que vem sendo associada aos punhais do tipo aqui documentado, algures entre o século IX e VIII a.n.e. (Correia, 1988, p. 202; Coffyn, 1985, p. 216), cremos que a ocu-

pação da Cabeça de Vaiamonte, como seria de esperar, se encontrava integrada em amplas redes de circulação de pessoas e bens anteriores à disseminação das influências coloniais fenícias na região.

Já o caso das fíbulas de dupla mola não nos surge tão claro, dadas as suas claras afinidades com as novas realidades de fundo colonial, sendo que é geralmente assumida como um dos melhores indicadores do arranque da Idade do Ferro do Sul peninsular (Torres Ortiz, 2002, p. 196; Ponte, 2006, p. 96), como se foi possível constatar no Castro dos Ratinhos (Berrocal & Silva, 2010, pp. 304), ainda que se encontrem claramente documentadas em povoados culturalmente afiliáveis nas realidades do final da Idade do Bronze, caso da Coroa do Frade (Arnaud, 1979; Ponte, 2006, p. 110). Todavia, como se verá em seguida, este tipo de fíbulas estará presente em momentos imediatamente posteriores, nos quais a realidade regional mudará substancialmente.

A par da Cabeça de Vaiamonte, conhece-se o povoado de Pedras da Careira, localizado junto à ribeira do Almuro, cerca de 15 km a sueste, mas claramente integrado no mesmo largo corredor de transitabilidade natural, que cruza a região, interligando o curso médio do Guadiana ao vale do Tejo, que veio a ser posteriormente marcado pela via de *Olisipio a Augusta Emerita* por *Abelterium*.

Pedras da Careira assume-se como um amplo povoado, provavelmente fortificado, no qual foi possível documentar um conjunto, não muito extenso, de cerâmicas manuais filiáveis no final da Idade do Bronze, nomeadamente formas carenadas, grandes pegas mamilares e fundos planos. A ausência de quaisquer trabalhos de escavação arqueológica impede considerandos maiores, todavia, é de crer que se trate de mais um dos grandes povoados do final da Idade do Bronze que caracterizam o território alto-alentejano, caso da serra Murada (Portel), Castelo Velho da serra d'Ossa (Redondo), Evoramonte (Estremoz) ou São Bartolomeu (Sousel) (Calado & Rocha, 1996–1997).

A presença desta extensa ocupação do final da Idade do Bronze, situada a pouco mais de 6 km para nortede Veiros, não pode deixar de ser tida em linha de conta aquando da avaliação de dois machados de talão, com apenas uma argola e uma rara ponta de lança em Bronze, provenientes da envolvente daquela vila (Vasconcelos, 1929, p. 176)

Escassos quilómetros a nascente da área em questão, localiza-se uma das raras ocupações do final da Idade do Bronze escavadas no Alto Alentejo, o povoado do Baldio (Gamito, 1988, 1996) (Fig. 2, 25). Este parece corresponder a uma ocupação de dimensões mais modestas que as anteriores, implantada sobre uma elevação caracterizada por imponentes afloramentos graníticos, que estruturam diversas plataformas onde se distribui a ocupação. Esta foi apenas pontualmente caracterizada, tendo sido, contudo, possível documentar vestígios de actividade metalúrgica, aparentemente de bronze, durante o final da Idade do Bronze.

Para além dos já citados, localizou-se, alguns quilómetros a sul de Vaiamonte, já no concelho de Fronteira, uma pequena ocupação aparentemente do final da Idade do Bronze sobre uma destacada linha de cumeada, Serrinha 2² (Fig. 2, 27). Ainda que os dados sejam escassos, a presença de cerâmica “*cepillada*” associada a uma mó de sela parece-nos enquadrar a ocupação dentro do final da Idade do Bronze.

Gostaríamos de realçar ainda as utilizações aparentemente enquadráveis dentro do período em causa, o final da Idade do Bronze, nos sepulcros megalíticos de Rabuje 5 e aparentemente de Vale Romeiras 1 e/ou 4. No primeiro destes documentou-se o que parece ser um elemento de xorca (Fig. 19, 3), ainda que uma leve excrescência lateral seja pouco habitual. Já o caso de Vale Romeiras, se efectivamente se tratar de um daqueles sepulcros, ou mesmo que seja um qualquer outro em Monforte, é mais segura a sua utilização durante o final da Idade do Bronze, atendendo às presenças cerâmicas daí provenientes, nomeadamente as formas carenadas brunidas (Fig. 19, 2 e 4). Esta utilização vem somar-se a um número crescente de presenças da Idade do Bronze que tem vindo a

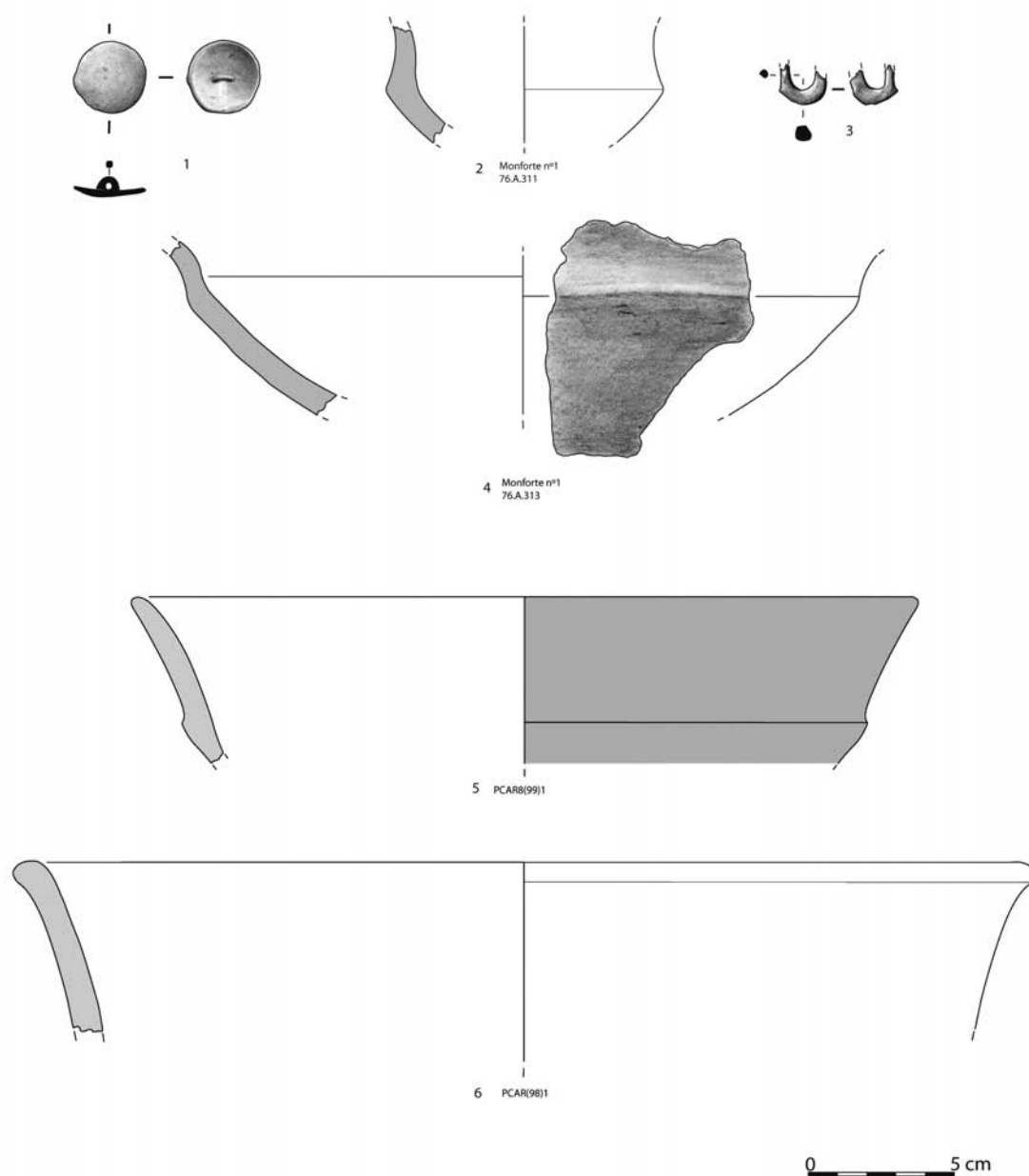


Fig. 18 Artefactos metálicos de Rabuje 5 (1 e 3) e cerâmicas de “Monforte n.º 1” (Vale Romeiras 1 ou 4?) (2 e 4) e Pedras da Careira (5 e 6). (Desenhos de I. Conde (1 e 3), C. Pereira (2 e 4) e R. Mataloto (5–6).

ser assinalado no território alentejano (Mataloto, 2007a, p. 133), de interpretação múltipla, mas onde os preceitos identitários, tão em voga, não estarão de todo ausentes.

Assim, em geral, pode-se afirmar que, num momento do final da Idade do Bronze, o território de Monforte e a sua envolvente terão conhecido uma rede diversa e aparentemente estruturada de povoamento, que estabeleceu profundas raízes identitárias com o território, materializadas na apropriação de claros marcos de ancestralidade, como são os sepulcros megalíticos.

Todavia, com o avançar do milénio, esta realidade tenderia a alterar-se profundamente, com o abandono total, ou parcial, das grandes instalações de cumeada, caso de Pedras da Careira, acompanhando tendências reconhecidas mais a sul (Mataloto, 2007b, p. 151).



Fig. 19 Torre de Palma com a Cabeça de Vaiamonte no horizonte (Foto de Rui Mataloto).

É certa e conhecida a presença de claros indícios de uma ocupação em momentos mais próximos aos meados do I milénio a.n.e. na Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 1998, p. 182), não apenas de cerâmica, mas igualmente de alguns elementos metálicos (fecho de cinturão e fibulas) e vidros, que marcam claramente a integração do local nas grandes redes de distribuição de modelos forâneos. Contudo, e como o próprio autor reconhece, estes são francamente reduzidos face aos conjuntos reunidos referentes a momentos anteriores e posteriores (Fabião, 1998, p. 183), sendo manifestamente impossível comprovar uma ocupação dita “orientalizante”.

Assim, e ainda que se possa afirmar que a Cabeça de Vaiamonte deverá ter-se mantido ocupada durante o terceiro quartel do I milénio a.n.e., parece certo que terá desempenhado um papel possivelmente mais discreto na estruturação do território envolvente. cremos, efectivamente, que este período será dominado por um crescente relevo da ocupação rural, que parece assumir um papel mais activo na exploração e controlo do território, bem patente na diversidade, e mesmo alguma riqueza, do espólio recolhido na necrópole sidérica de Torre de Palma, onde pontuam os elementos metálicos semelhantes aos recolhidos na Cabeça de Vaiamonte. As evidentes semelhanças notadas nos espólios e rituais da necrópole de Torre de Palma face às realidades de cunho mediterrâneo de Alcácer do Sal e Medellín (Langley & *alii*, 2007, p. 267) enunciam uma clara integração em amplas redes de distribuição e circulação de modelos e bens de claro fundo litoral, não sendo alheia a este facto a sua implantação nas imediações de um velho caminho de excelente transitabilidade natural entre a foz do Tejo, então com um estuário bem mais amplo, e as férteis “*vegas*” do Guadiana.

cremos que a relativa riqueza do espólio de Torre de Palma, não obstante ser pouco perceptível no espólio proveniente da putativa área habitacional, estará intrinsecamente relacionada com uma intensa exploração agrícola do território. Assim, é bem provável que o campo se encontrasse intensamente explorado e ocupado ao longo dos finais do segundo quartel do I milénio a.n.e., sendo

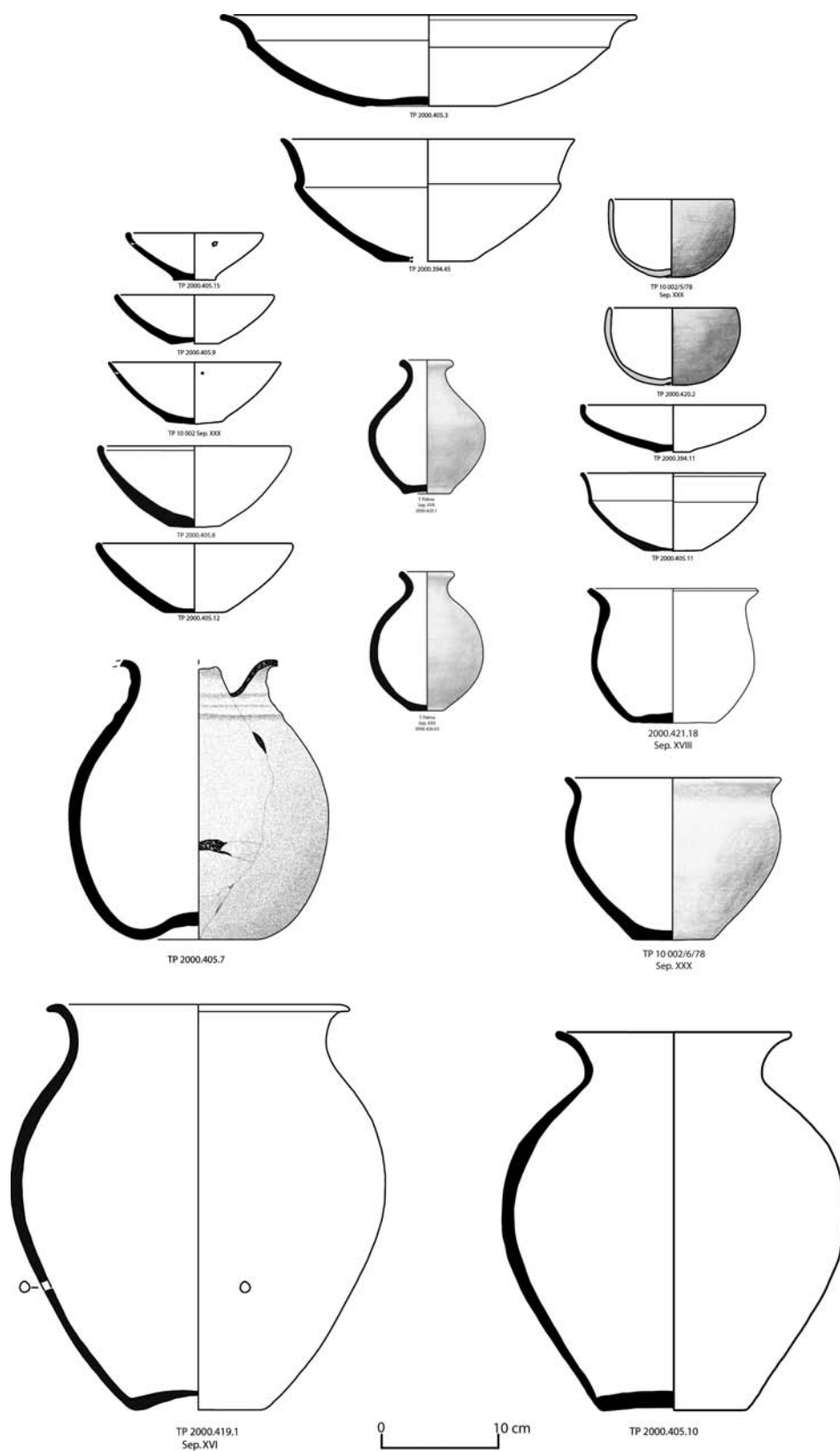


Fig. 20 Conjunto cerâmico recolhido na necrópole sidérica de Torre de Palma (adaptado de Langley & *alii*, 2007).

os diversos casos de achados de dormentes de mós de sela (Fonte de São Domingos 2, Geodésico Besteiros 1; Santeiro 2 ou Cabeço do Raio) um claro indício dessa situação, ainda assim muito dissimulada pelos omnipresentes vestígios romanos, os quais são por si indicadores das reais valências de uma exploração agrícola do território.

Se a necrópole de Torre de Palma nos evidencia uma ocupação de cariz rural ao longo dos séculos VI–V a.n.e., já a necrópole da Chaminé, situada escassos quilómetros a nascente do concelho de Monforte (Fig. 2, 31), no seguimento deste grande corredor natural, marca a continuidade de ocupação do espaço rural, agora a par das grandes ocupações fortificadas, em momentos mais tardios, algures entre os séculos IV e III a.n.e. (Fabião, 1998, p. 383). Uma vez mais, apesar da relativa pobreza geral do espólio, cremos ser relevante assinalar a presença em contexto rural de elementos de fundo guerreiro possuidores não apenas de armas com evidentes sinais de riqueza, como a espada de tipo “Arcobriga” com damasquinaria possivelmente a prata, como também arreios de cavalo e uma espora, indicadores da presença de uma “classe equestre”.

Para o concelho de Monforte, ainda que os dados disponíveis sejam praticamente nulos, devemos ainda mencionar o caso da necrópole detectada na envolvente imediata da anta do Peral 3. Se bem que não disponhamos de quaisquer informações concretas sobre o espólio, é de reter a informação de Abel Viana, que a considerou pré-romana, sendo bom conhecedor da necrópole imediata da Chaminé, que correctamente enquadrou entre os séculos IV e II a.n.e. (Fabião, 1998, p. 377). Em ambas as situações, estes espaços tumulares deveriam ter estado associados a ocupações de cariz rural.

O crescente número de casos de necrópoles sidéricas associadas a monumentos megalíticos, caso da necrópole da Belhoa (Gomes, 1997), da necrópole da Tera, em Pavia (Rocha, 2003) ou da anta da Hortinha 1, na área sul do concelho de Évora (Calado, Santos & Carvalho, 2007–2008, p. 69; Rocha, 2007), para além do caso aqui mencionado, deixa entender que este fenómeno deverá assumir um carácter intencional, e não meramente aleatório ou circunstancial. A instalação de necrópoles sidéricas na envolvente de monumentos megalíticos coloca questões pertinentes em torno do significado cultural e identitário de que se pode revestir esta associação a monumentos antigos, marcas indeléveis de ancestralidade, fulcrais para a estruturação das paisagens das sociedades camponesas.

A segunda metade do milénio assume então, nesta região, perante estes dados e os disponíveis para Vaiamonte, um claro destaque, na justa medida em que se trata de duas das mais conhecidas ocupações deste período em território alto-alentejano. A Cabeça de Vaiamonte, pelo modo como marcou a própria evolução da história do conhecimento arqueológico do Sudoeste peninsular, em particular desde o já clássico trabalho sobre a cerâmica estampilhada (Arnaud & Gamito, 1974–1977), verdadeiro indício das presenças “celtizantes” nesta região, resulta ainda hoje um sítio fulcral para o conhecimento deste período na região.

Ainda que a falta de dados estratigráficos e cronológicos seja um facto a reter na avaliação deste sítio, parece haver alguns bons indícios sobre a redinamização ou continuação das dinâmicas regionais de distribuição de produtos de grande circulação, como a presença de recipientes e pendentes de vidro, de claro fabrico alóctone, possivelmente mediterrâneo, nos inícios da segunda metade do milénio (Fabião, 2001, p. 212). Contudo, cremos, que será o período subsequente, entre os séculos IV e II a.n.e., o momento de maior pujança do local, que se assume, sem grande margem para dúvidas, como um ponto estruturante do território. Apontam neste sentido as propostas de ter sido um centro produtor e redistribuidor de diversos produtos de luxo ou destaque, caso de contas de vidro, brincos de ouro (Fabião, 2001), fibulas (Miguez, 2010, p. 82), entre outros. A este facto poderia não ser alheia a existência de um possível santuário, eventualmente de cariz supralo-

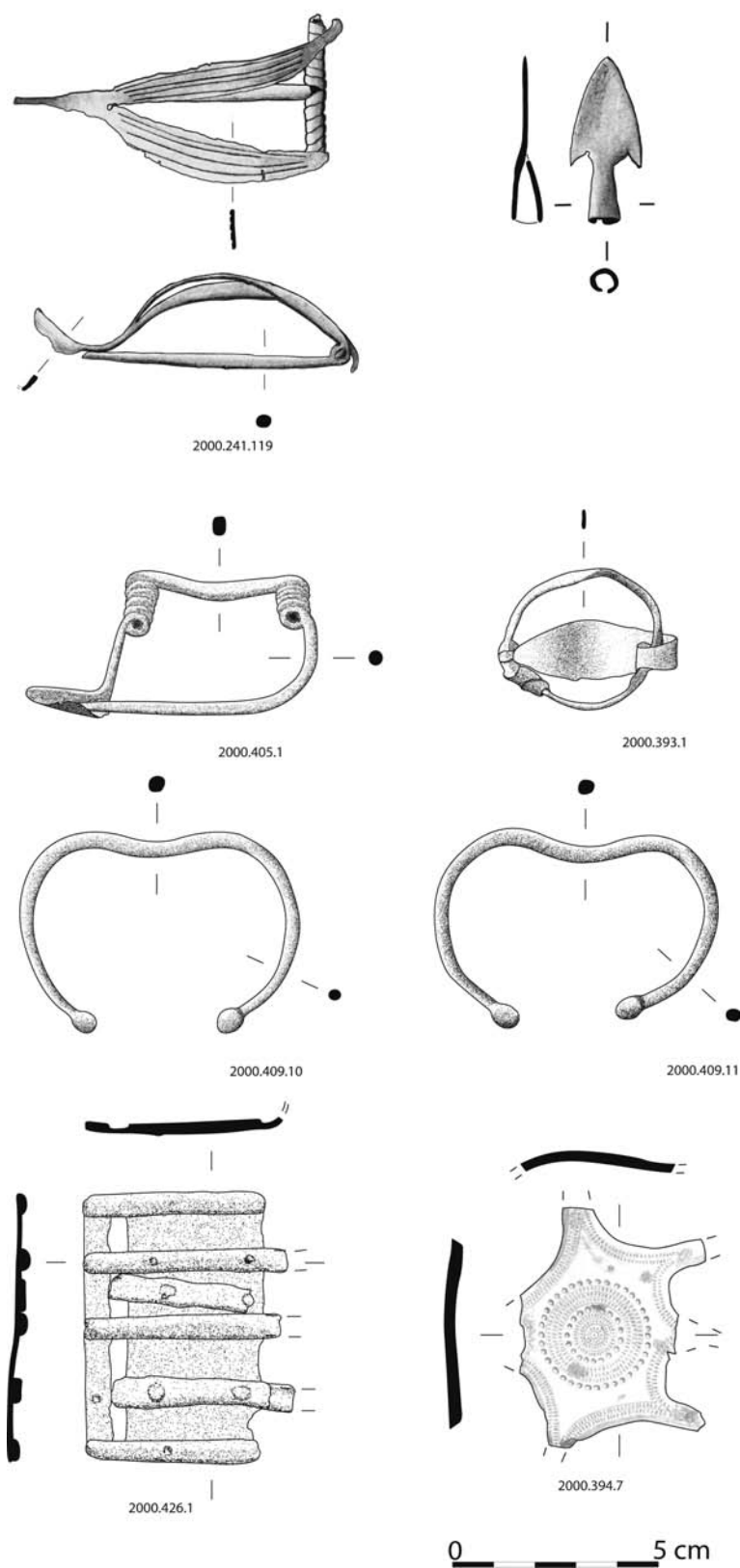


Fig. 21 Conjunto metálico recolhido na necrópole sidérica de Torre de Palma (adaptado de Langley & alii, 2007).

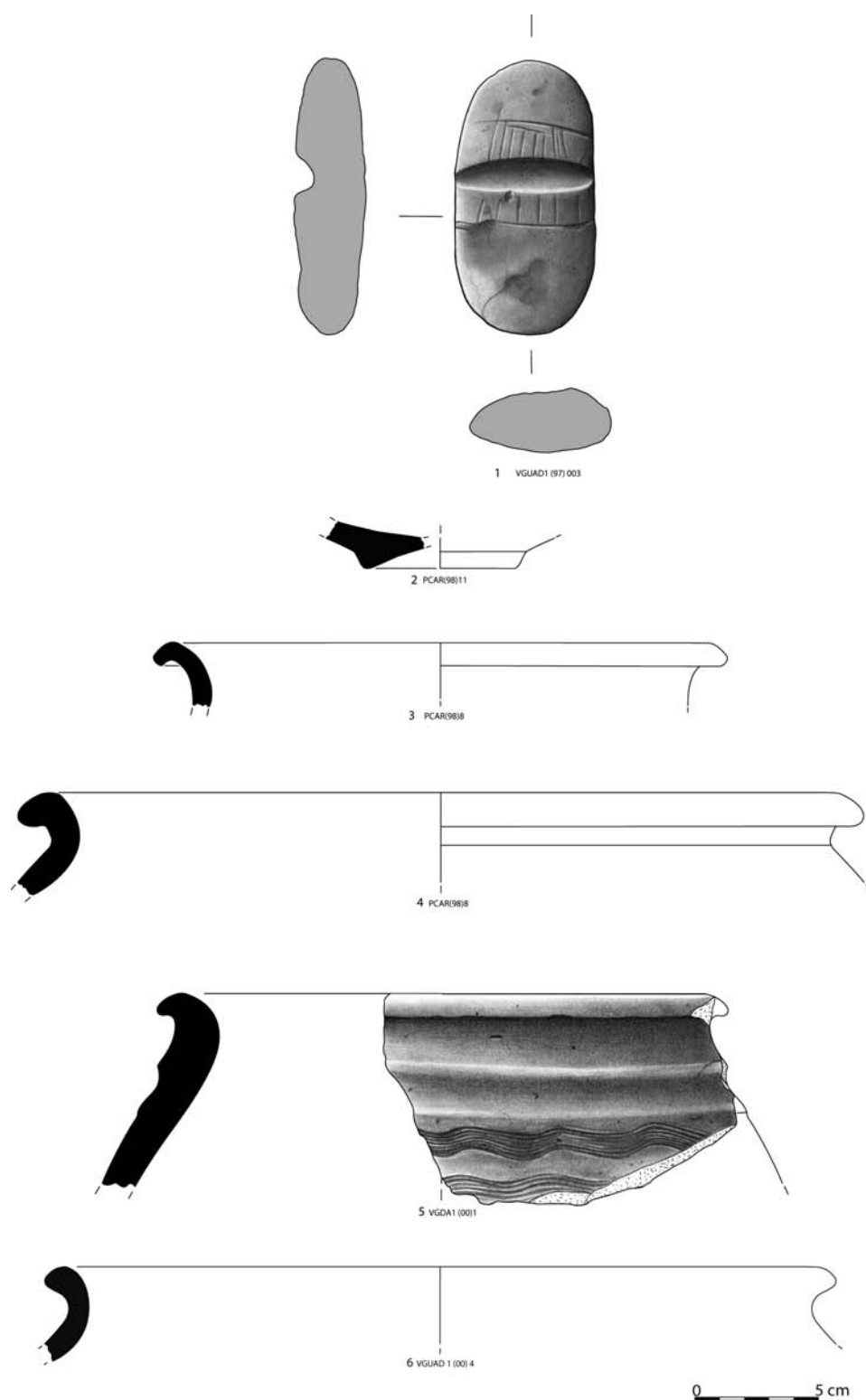


Fig. 22 Artefacto lítico (1) e cerâmicas recolhidas em Vale Guardéz 1 (5-6) e em Pedras da Careira (2-4). (Desenhos de I. Conde (1 e 5) e R. Mataloto(2-4 e 6).

cal, muitas vezes centro aglutinador de presenças e da mobilidade das comunidades envolventes. Para o final do período em questão, a sua relevância volta a ser marcada pela importação de produtos itálicos em momentos relativamente precoces da conquista.

Será justamente neste momento que a posição da Cabeça de Vaiamonte poderá ter sido uma vez mais reconhecida, ao ponto de justificar a presença de uma guarnição militar, claramente atestada pela presença de armas e diversos *militaria* (Fabião, 1996, p. 60, 2006, p. 121). Não deverá ter sido alheia a esta presença militar a localização da Cabeça de Vaiamonte no já mencionado corredor de ligação entre o estuário do Tejo, justamente na área de Santarém, e as “*vegas*” do Guadiana, duas das mais militarizadas áreas no Sudoeste peninsular durante o processo de conquista, se atendermos à presença de vários possíveis *castra* destas cronologias (Hervás Moras, 2010).

O decurso das guerras sertorianas, particularmente marcantes no Ocidente peninsular, parece acabar por condicionar a vivência do povoado e a presença da sua guarnição militar. Deste modo, ainda que não seja possível provar o abandono total do local, é certo que após este momento o local não mais voltou a gozar da pujança conhecida até então (Fabião, 1996, p. 66).

A poucos quilómetros a sudeste deste último, junto da margem esquerda da ribeira do Almuro, foi identificado o povoado de Vale Guardéz 1, aparentemente correspondente aos típicos “castros de ribeiro” (Berrocal, 1992), dotado de uma linha de muralha perimetral. A escassez de dados, apenas resultantes de prospecções de superfície, deixa pouca margem de análise. Contudo, este sítio, apesar de dimensões mais modestas, deverá ter sido em grande medida contemporâneo da Cabeça de Vaiamonte, mantendo-se ocupado já após o período de conquista, como o atesta a presença de fragmentos de ânfora de produção itálica, provavelmente do tipo Dressel 1. A presença de um grande recipiente de armazenagem no qual foi aposta uma decoração muito pouco frequente na região, duas bandas penteadas ondulantes (Fig. 23, 5), com claros paralelos em paragens mais setentrionais, em território vetónico, não deixa de suscitar considerações interessantes sobre a movimentação de grupos humanos antes, ou principalmente, durante o processo de conquista. Todavia, seria manifestamente exagerado sobrevalorizar uma peça isolada.

Cremos ainda relevante assinalar a recolha de uma peça singular nas imediações deste último sítio. Trata-se de um seixo, decorado com um sulco central transversal, para o qual confluem outros de menor expressão, relativamente perpendiculares, enquadrados por dois sulcos igualmente perpendiculares (Fig. 23, 1). Os escassos casos conhecidos de peças semelhantes à que apresentamos, de interpretação e cronologia dúbia, têm sido enquadrados dentro do Calcolítico, assumindo-se uma função ideotécnica, não isenta de funcionalidade específica enquanto polidor, no sulco central (Soares & Real, 2005).

A localização do Castelo Velho de Veiros, no qual se detectaram igualmente indícios da presença militar romana em contexto indígena (Fabião, 1998, p. 238), escassos 20 km a sul da Cabeça de Vaiamonte e a menos de 10 km de Vale Guardéz 1, na margem deste grande corredor de transitabilidade natural vem reforçar a relevância desta região durante a segunda metade do milénio, facto que acabaria por ser determinante para a presença militar durante o processo de conquista e pacificação da região.

No mesmo sentido, cremos que se pode apontar a localização do Monte da Nora, ao situar-se justamente na área onde os caminhos de ligação leste-oeste, provenientes do “*codo*” do Guadiana se bifurcam, tal como as posteriores vias romanas. Efectivamente, se o cariz militar romano deste estabelecimento não é claro para uns (Teichner & Schierl, 2010, p. 95), não deixa de ser relevante que o associem a instalações reconhecidas por outros como de fundo militar romano, tal como o Pedrão (Fabião, 2006, p. 119). Na realidade, o abandono das guarnições militares, e provavelmente do próprio povoado da Cabeça de Vaiamonte, após os episódios sertorianos das guerras civis, poderia vir a



Fig. 23 Vista dos taludes da provável fortificação de Vale Guardez 1 (Foto: R. Boaventura).

justificar esta presença num momento imediatamente subsequente, como se pode deduzir da sua cronologia de fundação, enquanto elemento de controlo da transitabilidade regional, num momento de bastante insegurança, que viria a ser seguido pelos novos episódios pompeianos das guerras civis, uma vez mais com forte impacto na região.

A ocupação sidérica de Pedras da Careira não é fácil de enquadrar em termos cronológicos. Todavia, o facto de ser dominada pela presença de grandes recipientes de armazenagem, de bordo exvertido, de características evolucionadas dentro dos conjuntos de origem regional (Fig. 23, 2-4), poderá indiciar que se encontra, em grande medida, em linha com outras da região, em povoados de cariz semelhante, caso do Castelo Velho da serra d'Ossa, serra Pedrosa ou serra Murada (Mataloto, Alves & Carvalho, 2007). Estas ocupações, aparentemente tardias, provavelmente dentro do século II a.n.e., contemporâneas do processo de conquista, seriam relativamente efémeras e resultantes de contextos de elevada instabilidade, que conduziriam à reocupação de antigos povoados do final da Idade do Bronze, usualmente localizados em elevações dotadas de boa defensabilidade natural.

De qualquer modo, a instabilidade reinante foi-se progressivamente dissipando ao longo do século I a.n.e., durante o qual se processaria uma profunda transformação nas redes de povoamento, com o abandono dos grandes povoados, como a Cabeça de Vaiamonte, Castelo Velho de Veiros ou, eventualmente, Vale Guardez 1. A disseminação pelo território destas populações encontra-se ainda muito mal conhecida; todavia, cremos que a identificação de sítios como as Pedras do Almuro, Galega 1 e 2 e Outeiro 1 e provavelmente 2, onde se registam conjuntos artefactuais que integram importações cerâmicas do Sul peninsular, poderão indiciar a distribuição da população por pequenas ocupações dispersas pelo campo, eventualmente após as guerras sertorianas, momento onde se terá processado, aparentemente, o abandono da Cabeça de Vaiamonte.

A instalação destas pequenas comunidades em contextos paisagísticos muito precisos, em pequenas plataformas estruturadas entre grandes afloramentos graníticos, sobranceiros a linhas de

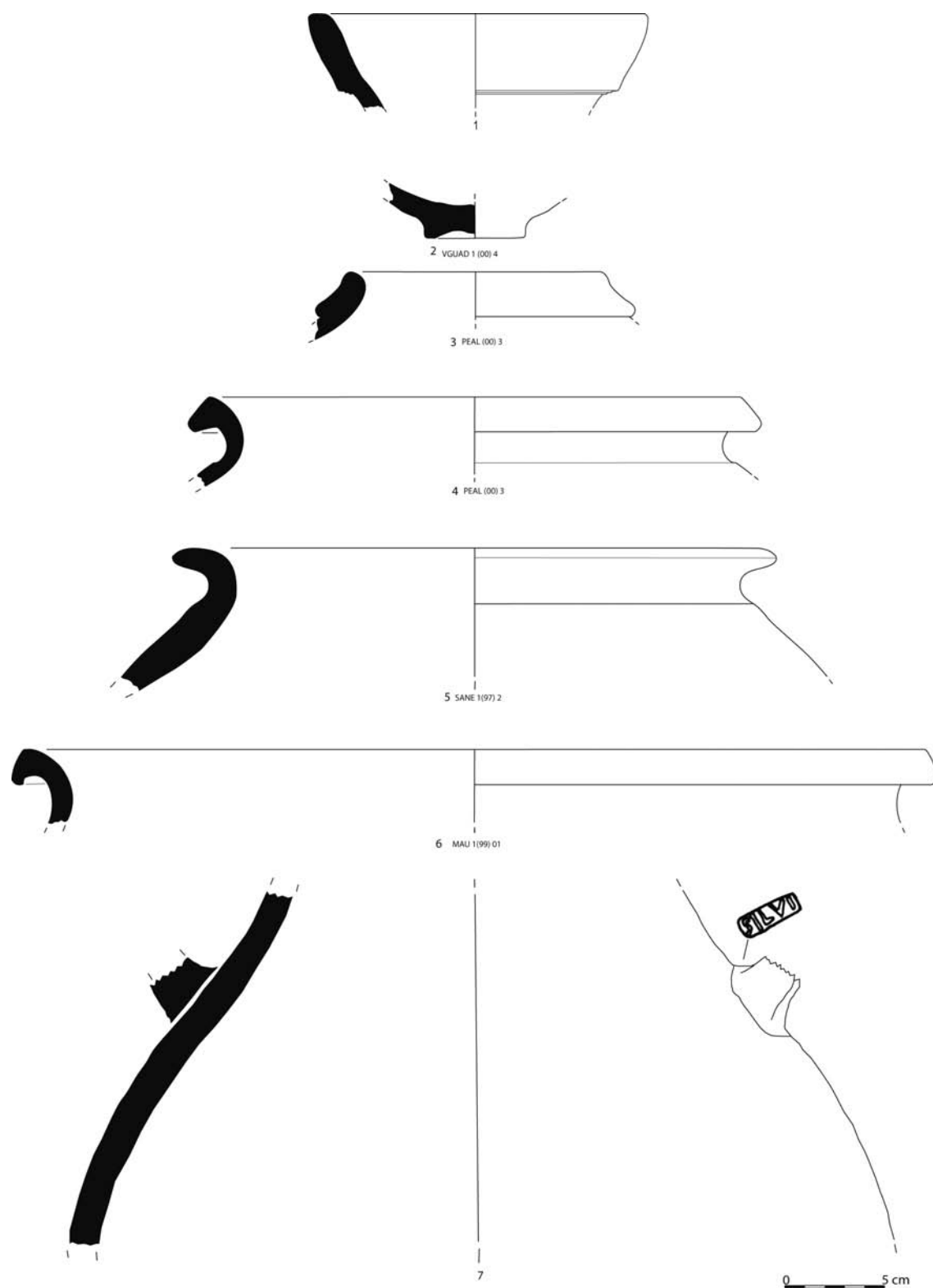


Fig. 25 Cerâmicas recolhidas em Penedo do Ferro (1), Vale Guardéz 1 (2), Pedras do Almuro (3-4), Santeiro 1 (5), Castelo do Mau Vizinho 1 (6) e Outeiro da Mina (7). (Desenhos de R. Mataloto e adaptados de Mataloto (2002) (1) e Boaventura & Banha (2006) (7).

água, dotando-os de alguma defensabilidade, deixa entender que se viveriam ainda na região momentos de alguma instabilidade.

Neste mesmo sentido vai um dos raros sítios intervencionados mais recentemente na região, mas escassamente publicado, o povoado do Baldio (Gamito, 1996), igualmente instalado entre grandes penedias graníticas. Ainda que a autora dos trabalhos enuncie uma ocupação mais antiga, eventualmente dos séculos V–III a.n.e. (Gamito, 1996, p. 42), para a qual não apresenta quaisquer dados, é, certamente, a ocupação de uma fase já avançada do século I a.n.e. a mais bem documentada, atendendo à descrição e apresentação do material recolhido. Cremos ser bastante significativo que este sítio, eventualmente relacionado com a exploração minero-metalúrgica, se mantenha ocupado para além do fim do Período Republicano, como o atesta a presença de *sigillata* de tipo itálico.

No final do século I a.n.e., a par deste processo de abandono das grandes ocupações e surgimento de uma ocupação dispersa, instalada em nichos paisagísticos muito particulares, parece emergir uma realidade totalmente nova, que vem quebrar por completo com as dinâmicas locais de povoamento, progressivamente mais abertas.

A instalação de um conjunto de pequenas ocupações, designadas por um de nós como fortins (Mataloto, 2004), pela clara aparência fortificada, implantados por vezes em locais de notável capacidade estratégica e de controlo da paisagem e da passagem, deverá ter resultado de uma nova forma de controlar o território impulsionada pelo poder de Roma.

A ocupação do Outeiro da Mina, integrável dentro dos designados recintos-torre, e a do Penedo do Ferro, um presumível recinto, apresentam características distintas, ainda que se não distanciem muito, para além do aparelho de construção. Ambas parecem estar dotadas de uma torre em posição destacada, enquadrada por um recinto definido entre grandes afloramentos graníticos; todavia, enquanto o Penedo do Ferro se instala sobre uma ligeira elevação, dotada todavia de boa visibilidade envolvente, já o Outeiro da Mina encontra-se fechado no fundo do vale, controlando, aparentemente, um vau da ribeira do Almuro. Algo mais a jusante, sobranceiro à Ribeira Grande, mas já em território do concelho de Fronteira, escassos quilómetros a sul de Vaiamonte, implanta-se sobre um destacado esporão de vertentes íngremes, mais uma destas instalações de tipo fortim, Beiçudos (Mataloto, 2002, p. 165), dominando amplamente o vale daquela ribeira. As preocupações defensivas são bastante claras, não apenas na escolha da localização e da estrutura de tipo torre perceptível no topo como também no fosso, que, claramente, marca a separação do conjunto edificado da restante cumeada.

Seguindo ainda mais para noroeste, ao longo deste amplo corredor natural, em direcção ao início do antigo estuário do Tejo, encontramos dois outros, Malhada das Penas 1 e 2, a cerca de uma dezena de quilómetros deste último fortim, sobre duas penedias fronteiras, com bom domínio visual.

O modo bastante regular como estas ocupações se distribuem ao longo deste corredor natural, em cujo extremo sudeste encontramos ocupações como o Monte da Nora (Teichner & Schierl, 2010) ou o Atalaião (Fabião, 1998, p. 385), deixa entrever algum tipo de coordenação e propósito conjunto, nem sempre fácil de discernir na distribuição destas realidades (Mataloto, 2002, 2004).

Estas instalações parecem corresponder à última tentativa de controlo deste importante corredor natural, impulsionada pelo poder de Roma, algures na segunda metade do século I a.n.e., não já numa estratégia de beligerância, mas de policiamento, digamos, de proximidade, conhecidas que eram as diversas pequenas comunidades dispersas pelos vales das ribeiras, em particular do Almuro. Efectivamente, findos os últimos episódios das guerras civis, particularmente activos no Sudoeste peninsular, ter-se-á vivido um momento de particular melindre, o que justificaria a disseminação

destas pequenas fortificações, antecipando a ocupação do campo numa lógica sobejamente distinta, como ficará patente na fundação da *uilla* de Torre de Palma em torno da viragem da Era, se atendermos às presenças de *terra sigillata* de tipo itálico (Langley, comunicação pessoal).

Perante os dados coligidos, foi-nos possível traçar, em linhas muito gerais, as dinâmicas de povoamento do território de Monforte ao longo do I milénio a.n.e., deixando entender a sua expectável inserção em lógicas mais abrangentes, que vêm sendo registadas igualmente mais a sul (Mataloto, 2004, 2007).

O contexto actual não será, certamente, favorecedor de uma necessária continuação dos trabalhos; todavia, julgamos ser possível perspectivar alguma reactivação dos trabalhos de prospecção, mas igualmente a eventualidade de reconhecermos e melhor caracterizarmos o fenómeno das utilizações tardias de monumentos megalíticos, nomeadamente com a continuação, por um de nós (RB) das intervenções no *cluster* de sepulcros megalíticos de Rabuje e outras antas do concelho. Por outro lado, a acção das intervenções de Arqueologia de Salvamento, ligadas eventualmente à rede de rega da barragem de Veiros, poderão trazer novidades na margem sudoeste do concelho.

Alfragide/Redondo, Janeiro de 2011

NOTAS

* Portanta, Associação de Arqueologia Ibérica; UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. boaventura.rui@gmail.com

** Portanta, Associação de Arqueologia Ibérica; Município de Redondo. rmataloto@gmail.com

¹ Para aprofundamento da historiografia local, v. Boaventura, 2001.

² A. Carneiro designou o sítio como Monte da Espadeira, ainda que na Carta Militar apenas surja o topónimo Fonte da Espadaneira (CNS 20152; Carneiro, 2005, Inv. 160). Este sítio havia sido inventariado anteriormente sob a designação de Serrinha 2 na base de dados do Endovélico.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALARCÃO, Jorge de (1988) - *Roman Portugal*, 3 Vols. Warminster: Aris & Philips Ltd.
- ARNAUD, José Morais (1968) - “Castelo Velho” de Veiros (Estremoz): notícia da sua identificação. *Revista de Guimarães*. 78:1-2, pp. 61-76.
- ARNAUD, José Morais (1970) - O “Castelo Velho” de Veiros (Estremoz): campanha preliminar de escavações de 1969. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Vol. 2, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 311-328.
- ARNAUD, José Morais (1970) - [relatório dactilografado]. Processo S-7555. Arquivo do IGESPAR. Anterior Proc. n.º 92/1(163).
- ARNAUD, José Morais; GAMITO, Teresa Júdice (1974-1977) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I - Cabeça de Vaíamonte - Monforte. *O Arqueólogo Português*. 3.ª série. 7-9, pp. 165-202.
- BERROCAL RANGEL, Luis; SILVA, António Carlos (2010) - *O Castro dos Ratinhos (barragem de Alqueva, Moura): escavação de um povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- BOAVENTURA, Rui (2000) - O Campaniforme do habitat do Pombal (Monforte, Alto Alentejo, Portugal). In *3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vila Real, Set. 1999, actas: Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, Vol. 4, pp. 291-300.
- BOAVENTURA, Rui (2001) - *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: IPA.
- BOAVENTURA, Rui (2006) - Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 61-73.
- BOAVENTURA, Rui (2008) - António Sardinha, arqueólogo? O recrutamento do poeta de Monforte pelo “Pae Rocha”. *A Cidade*. Portalegre. 15, pp. 111-140.
- BOAVENTURA, Rui; BANHA, Carlos (2006) - Ânforas da região de Monforte: contributo para o conhecimento do comércio rural romano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 24, pp. 360-399.
- BOAVENTURA, Rui; LANGLEY, Maia (2006) - Apontamentos arqueológicos para a história da região de Monforte: uma visão cartográfica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 75-81.

- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor (1996–1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. 2.ª série. 2, pp. 33–55.
- CALADO, Manuel; SANTOS, João; CARVALHO, Mário (2007–2008) - Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação. *A Cidade de Évora*. Évora. 2.ª série. 7, pp. 47–71.
- CARNEIRO, André (2002) - *Carta arqueológica de Fronteira*. Colibri: Lisboa; Fronteira: Câmara Municipal.
- CUNHA, António Maria (1985) - *Carta arqueológica do concelho de Monforte*. Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte. Possui legenda dactilografada dos sítios indicados no mapa: Nota aos lugares assinalados pelos diversos símbolos.
- DELGADO, Manuela (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, vol. 2, pp. 403–420.
- FABIÃO, Carlos (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaíamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série. 2, pp. 31–80.
- FABIÃO, Carlos (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2 vols, policopiado.
- FABIÃO, Carlos (2001) Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaíamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 197–228.
- FABIÃO, Carlos (2006) - The Roman army in Portugal. In MORILLO CERDÁN, Ángel; AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, Joaquín, eds. - *The Roman Army in Hispania: an archaeological guide*. León: Universidad, pp. 107–126.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) - Cerâmica negra do tipo grego encontrada em Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 9.ª série, 3, pp. 317–319.
- GAMITO, Teresa Júdice (1982) - A Idade do Ferro no Sul de Portugal: problemas e perspectivas. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 65–67.
- GAMITO, Teresa Júdice (1988) - *Social complexity in southwest Iberia 800-300 B.C.: the case of Tartessos*. Oxford: BAR International Series.
- GAMITO, Teresa Júdice (1996) - O estanho de aluvião e a metalurgia do bronze no Castro do Baldio (Arronches, Portugal). *Vipasca*. Aljustrel. 5, pp. 29–50.
- HELENO, Manuel (1947) - [Apontamentos manuscritos] [Caderno n.º 2, Torre de Palma]. Acessível no Arquivo Manuel Heleno. Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia.
- HELENO, Manuel (1956) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.ª série. 3, pp. 221–237.
- HERAS MORA, Francisco Javier (2010) - Paisaje militarizado en Extremadura: secuencia arqueológica en los primeros tiempos de la romanización. In MAYORAL HERRERA, Victorino; CELESTINO PÉREZ, Sebastián, eds. - *Los paisajes rurales de la romanización: arquitectura y explotación del territorio*. Madrid: CSIC, pp. 115–139.
- LANGLEY, Maia; MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui; GONÇALVES, David (2007) - A ocupação da Idade do Ferro de Torre de Palma: “escavando nos fundos” do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. 4.ª série. 25, pp. 229–290.
- LOPES, Carla; BOAVENTURA, Rui (1997) - O povoamento pré-histórico dos 4.º-3.º milénios na região [de] Monforte: o estado da questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, Zamora, Set. 24-27 1996. Vol. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 381–387.
- MACHADO, João L. Saavedra (1965) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.ª série. 5, pp. 51–148.
- MATALOTO, Rui (2002) - Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da “romanização” dos campos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 161–220.
- MATALOTO, Rui (2004) - Fortins romanos do Alto Alentejo (Portugal): fortificação e povoamento na segunda metade do século I a.C. In MORET, Pierre; Chapa, Teresa, eds. - *Torres, atalayas y casas fortificadas*. Madrid: Casa de Velázquez; Jaén: Universidad, pp. 31–54.
- MATALOTO, Rui (2007a) - Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 123–140.
- MATALOTO, Rui (2007b) - Viver no campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro-alentejano em meados do I milénio. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 135–160.
- MATALOTO, Rui; ALVES, Catarina; CARVALHO, Catarina (2004) - De serra em serra: instabilidade e conflito no final da Idade do Ferro do Alentejo Central. *Vipasca*. Aljustrel. 2ª série. 2, pp. 242–249.
- MATALOTO, Rui; LANGLEY, Maia; BOAVENTURA, Rui (2008) - A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed. - *Sidereum Ana I: el río Guadiana en época post-orientalizante*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 283–303.
- MIGUEZ, João Nuno Marques dos Santos (2010) - *As fíbulas do sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: o caso das Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUL.
- NETO, Maria Cristina Santos (1976–1977) - Notícias inéditas sobre dólmenes em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 99–107.

- PONTE, Salette da (1985) - As fibulas de Vaiamonte. In DE HOZ, Javier, ed. - *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 5-8 noviembre 1980)*. Salamanca: Universidad, pp. 137-158.
- PONTE, Salette da (1987) - Algumas fibulas de Torre de Palma (Monforte). In *Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985)*. Castelo de Vide: Câmara Municipal, pp. 117-121.
- SAA, Mário de (1956-1967) - *As grandes vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*. 6 vols. Lisboa: Ed. do Autor.
- PONTE, Salette da (2006) - *Corpus signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) - Moedas hispánicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2.ª série. 21, pp. 493-511.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1973) - Fibulas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 2.ª série. 22, pp. 187-201.
- SILVA, José Inácio Militão da (1989) - *Estudo da ocupação humana nas freguesias de Monforte e Vaiamonte: Projecto de estudo*. Vol. 2. Trabalho de Seminário de Arqueologia: Universidade Lusíada. Policopiado.
- SOARES, António Monge; REAL, Fernando (2005) - Um ídolo calcolítico em pedra encontrado na Serra da Preguiça (Sobral da Adiça, Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 107-113.
- SOARES, Padre J. M.; CURVO, Padre M. M.; LIMA, Fran G. (1758) - Relação da vila de Monforte e seu termo pertencente ao Bispado de Elvas. In *Diccionario Geographico de Portugal*. tomo XXIV: Informação Paroquial n.º 179 (fl. 1175-1214), Torre do Tombo. Transcrição de José Inácio Militão da Silva (Gabinete de História da Câmara Municipal de Monforte).
- TEICHNER, Felix; SCHIERL, Thomas (2010) - Asentamientos rurales en el Sur de la Lusitania entre la fase tardo-republicana y el inicio de la época imperial romana. In MAYORAL HERRERA; Victorino; CELESTINO PÉREZ, Sebastián, eds. - *Los paisajes rurales de la romanización: arquitectura y explotación del territorio*. Madrid. CSIC, pp. 89-114.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. Separata de *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15:3-4.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955-1957) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova Série. 15:3-4, pp. 143-189.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1957) - Mais alguns dolmens da região de Elvas (Portugal). In *IV Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 89-100.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1929) - Antiguidades do Alentejo. X Cabeça de Vaiamonte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 28, pp. 183-185.